

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Gustavo Nunes da Silva

**As Contribuições Das Ideias
de José Martí para Fidel Castro**

Monografia apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História

Orientadora: Prof. Maria Elisa Noronha de Sá

Rio de Janeiro
Dezembro de 2019

Agradecimentos

À minha família que sempre me apoiou em meus objetivos e sempre acreditaram em mim. Em especial minha mãe e meu pai, que me deram a melhor educação que puderam e me proporcionaram as melhores condições para minha formação.

À Deus que me deu forças nos momentos ruins e pôde me guiar nessa longa jornada.

Aos meus amigos, que compartilharam grandes momentos juntos e sempre estiveram presentes quando eu precisei. Que compartilharam também de minhas dúvidas e alegrias.

À professora Maria Elisa Noronha de Sá que me orientou durante essa pesquisa e desde o primeiro momento que a procurei foi sempre atenciosa e concordou em embarcar comigo nesse projeto.

À todos do Departamento de História, que ao longo desses anos de curso puderam contribuir de alguma forma para que esse momento chegasse.

À quem se foi cedo, mas que me guia em meus objetivos. Jamais será esquecida.

Resumo

A Revolução Cubana foi entendida ao longo do tempo como uma Revolução de caráter estritamente socialista. No entanto antes do socialismo, Fidel recorria aos ideais libertários de uma das principais figuras da luta pela independência: José Martí. Nesse sentido o seguinte trabalho pretende identificar de que forma as ideias de Martí tiveram impacto em Fidel em seus escritos e discursos dos anos finais da década de cinquenta e início da década de sessenta.

Palavras-chave: Revolução Cubana; Fidel Castro; José Martí; Anti-imperialismo; América.

Abstract

The Cuban Revolution was understood over time as a Revolution of strictly socialist character. Before socialism, however, Castro resorted to the libertarian ideals of the one of the most important figures in the struggle for independence: José Martí. In this sense, the following work aims to identify how Martí's ideas impacted Fidel in his writings and speeches of the late 1950s and early 1960s.

Keywords: Cuban Revolution; Fidel Castro; José Martí; Anti-Imperialism; America.

Sumário

Introdução	6
1. Diferentes Revoluções em Cuba	10
1.1 As lutas pela Independência Cubana e José Martí	10
1.2 O período pós-independência e a Revolução de 1959	16
2. Os “Diálogos” entre Fidel e Martí	28
2.1 O Anti-Imperialismo	28
2.2 A questão da América Latina	50
Conclusão	60
Bibliografia	64

Introdução

Quando falamos em Cuba, a primeira coisa que isso nos remete é a Revolução ocorrida em fins da década de cinquenta. Sem dúvida esse foi um dos acontecimentos mais importantes de toda a História da pequena ilha localizada no Caribe e certamente está entre os fatos internacionais mais importantes ocorridos no século passado. É possível afirmar que no senso comum esse acontecimento é personificado nas figuras de Fidel Castro e Che Guevara. Este último continua tendo seu rosto estampado em bandeiras e camisas de diferentes movimentos e partidos políticos até os dias de hoje, sendo símbolo de resistência do povo. Desde a sua precoce morte, Guevara virou uma espécie de “mártir” para movimentos populares ao redor do mundo. Já Fidel Castro mesmo quando vivo também era muito lembrado, apesar de em menor escala se comparado com Che. Fidel ficou muito conhecido por seus discursos que duravam horas e que prendiam a atenção de seus ouvintes de uma forma surpreendente. Com a sua morte há alguns anos atrás, houve a volta de debates acerca de sua figura e dos guerrilheiros que realizaram a Revolução Cubana.

Independente da opinião sobre Castro, é inegável que ele foi uma figura central para Cuba e suas medidas transformaram radicalmente a vida na ilha. Mas engana-se quem pensa que toda a base ideológica do pensamento de Fidel era o socialismo. Mesmo que seja praticamente impossível dissociar hoje a sua imagem dessa ideologia, Fidel não era apenas socialista. Essa associação é na verdade uma herança da Guerra fria, quando União Soviética, China e Cuba apareciam como os pilares do socialismo internacional. No entanto nos discursos de época de Fidel podemos sempre notar outras bases ideológicas para as suas ideias.

Talvez a Revolução Cubana tenha ofuscado um outro acontecimento de extrema importância para Cuba que foi suas lutas pela independência ocorridas na segunda metade do século XIX. É desse período principalmente que Fidel recorre para formar suas ideias revolucionárias. Os escritos do intelectual cubano José Martí foram de extrema importância para Castro pois a partir disso ele pôde conhecer melhor os problemas que a ilha vivia desde o período colonial e que muitos deles ainda se faziam presentes em sua época.

A historiografia sobre a Revolução Cubana sempre deu muita atenção para o viés socialista da Revolução ou então procurou encaixar esse acontecimento no jogo político da Guerra fria, que foi contemporânea da Revolução. No entanto pouca atenção se deu na busca pelas origens do pensamento revolucionário. A Revolução é herdeira direta da Independência. Se formos buscar nos escritos mais antigos do líder do movimento revolucionário, podemos perceber que desde as primeiras épocas da conspiração para tomar o poder da ilha a herança que Fidel absorveu de José Martí foi considerável. Por isso as páginas que seguem procuram resgatar essa contribuição do “Apóstolo da independência”- maneira pela qual Fidel chamava Martí- para a Revolução dos anos 1950.

Como base teórica para a pesquisa desenvolvida foi utilizado a História Intelectual, visto que foram analisados manuscritos e discursos de época tanto de Martí quanto de Fidel. Além disso a História Política também serviu como base para a pesquisa. Nesse sentido Skinner e Pocock foram de grande auxílio. O texto de Skinner chamado “*Significado e interpretação na História das Ideias*” nos fornece questões interessantes de serem levantadas. O autor trata no texto dos diversos problemas derivados do anacronismo que um historiador da História das Ideias pode encontrar. Um primeiro ponto é que temos que tomar muito cuidado no início de uma pesquisa pois possuímos certas expectativas sobre nosso objeto de estudo e não podemos deixar que essas expectativas ditem o rumo da pesquisa, ou seja, não podemos esperar que o documento fale o que queremos ouvir. De vários conceitos interessantes que Skinner cria ao longo do texto, o primeiro deles seria a “mitologia das doutrinas”¹ que consiste no erro do historiador ao apontar em determinados documentos certas anúncias de doutrinas que só seriam realmente formuladas tempos depois. O historiador com uma visão contemporânea sobre os documentos e imbuído do desejo de encontrar certas antecipações de um conjunto de ideias sistematizado muito depois, vai procurar - erroneamente- nos documentos vestígios de anúncias dessas ideias. É errado fazer isso pois o máximo que se vai achar são ideias “soltas” que nada tem a ver com doutrinas formuladas tempos depois. Isso gera outro erro que dependendo do aparente sucesso dessa empreitada o historiador pode vangloriar certo intelectual por achar que ele já anunciava ideias à frente de seu tempo, ou o contrário, pode criticar o intelectual caso as tentativas sejam

¹ SKINNER, Quentin. *Significado e interpretação na História das Ideias*. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017. p.362.

fracassadas. Outro conceito de Skinner é a “mitologia de coerência”². Ela consiste em atribuir uma certa coerência a diferentes textos do mesmo autor. Porém muitas vezes esses textos nada possuem de coerência um com o outro se tornando mais um perigo do qual o historiador tem de se atentar.

Outro trabalho de fundamental importância é o livro de Pocock “*Linguagens do Ideário Político*”, mais especificamente dois capítulos dessa obra. Na introdução com o nome de “*Estado da Arte*” o autor começa constatando que a História do Pensamento político vem sendo substituída pela História dos discursos. Isso acontece pois para o pensamento se tornar de fato um ato, ou seja, não permanecer apenas na mente do indivíduo, ele precisa ser externado seja através de escritos ou mesmo pela oralidade. É importante observar que aqui a concepção da palavra “discurso” vai para além do ato de fala e abarca também escritos. De uma forma geral o autor está tratando das diferentes tarefas e obstáculos que o historiador dos discursos possui em seu ofício. Uma primeira tarefa do historiador nesse sentido seria estudar a literatura da época da qual está trabalhando para então compreender cada vez mais sua linguagem. Entretanto essa tarefa se mostra muito difícil pois o historiador deve tomar muito cuidado ao ler escritos antigos para não atribuir significados às palavras de época que elas naquele momento não possuíam. Carregado de concepções e significados de seu tempo, é importante compreender que as palavras de outras épocas tinham diferentes significados das quais tem hoje. Além disso é importante levar em conta de que a partir do momento que as palavras de determinado indivíduo se tornam públicas, os seus leitores ou ouvintes podem entendê-las de forma diferente da qual o seu transmissor desejava. Isso também remete à uma questão que é importante ter conhecimento se um determinado autor de um discurso quis limitá-lo à um público específico ou não. É importante conhecer o público alvo - caso existam discursos.

Já no capítulo seguinte “*O Conceito de Linguagem e o Métier D’ Historien*” Pocock deixa claro que o historiador deve estar mais interessado na linguagem que um discurso utiliza e não exatamente no seu conteúdo. É claro que isso não quer dizer que deve haver uma rejeição aos conteúdos ou que eles não são importantes. O que entende-se por linguagem aqui é o idioma, o modo como é usado as palavras principalmente para fins políticos. É interessante notar que quanto mais difundida for uma linguagem, maior a chance dessa linguagem ser apropriada por outros grupos que não aqueles que originalmente a criaram. O

² ibidem. p.372.

autor dá exemplos nesse sentido de que tanto uma linguagem utilizada por camadas altas da sociedade pode ser apropriada por outros setores sociais, como o contrário também pode acontecer. Então, a contribuição que John Pocock pode nos fornecer é demonstrar uma série de fatores importantes que devem ser levados em conta ao trabalhar com a História dos discursos. Entender o contexto do qual o discurso foi produzido, procurar compreender as intenções do autor ao criá-lo, as inovações - se existirem - do contexto linguístico provocado pelo discurso, como ele foi recebido pelos seus contemporâneos e os diferentes significados que ele vem recebendo ao longo do tempo são importantes tarefas do historiador.

No trabalho a seguir foram analisados discursos de Fidel do período de 1954 até 1961 pois foi nesse momento que estava ocorrendo o processo revolucionário, com as guerrilhas de Sierra Maestra até a ascensão ao poder nos primeiros anos da década de sessenta. É importante fazer uma observação de antemão: muitas vezes nos discursos de Castro ele cita frases e passagens que atribuí à Martí. No entanto se essas frases e passagens foram realmente registradas por Martí ou Fidel está inventando não é muito importante. O mais importante é seu uso por Fidel.

Já os documentos de Martí que foram utilizados foram principalmente a partir da década de oitenta pois foi o período de amadurecimento de suas principais ideias. Nesse sentido, “Nossa América”, a principal obra de Martí foi a principal obra analisada pois nela é possível observar uma síntese de suas ideias desenvolvidas ao longo dos anos.

Nesse sentido o trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro trata de uma contextualização sobre o período de independência cubana, do qual é importante pois é o momento onde Martí vai avançando cada vez mais nas suas ideias e também sobre o período pós-independência até a chegada dos revolucionários ao poder em fins da década de cinquenta, momento importante pois é então que surge a figura de Fidel Castro. Já o segundo capítulo trata especificamente da contribuição das ideias de Martí para o pensamento de Fidel. A História da ilha de Cuba na primeira metade do século XX é de muitas instabilidades políticas, golpes e intervenções estrangeiras. Para compreender os motivos se faz necessário remontar à épocas bem anteriores. Precisamos antes de tudo contextualizar o período colonial do qual José Martí viveu, reconstruir sua trajetória e depois o período onde Cuba passou a ser uma nação independente até o aparecimento dos revolucionários liderados por Fidel Castro. A partir disso será possível lançar mão sobre a faceta não muito explorada sobre a Revolução Cubana: a contribuição de Martí para as ideias de Fidel.

1

Diferentes Revoluções em Cuba

1.1

As lutas pela Independência Cubana e José Martí

Em 1868 quando teve início a Guerra pela independência cubana, grande parte dos países das Américas já tinham obtido suas respectivas independências. Cuba e Porto Rico surgiam como um dos poucos lugares do continente onde o domínio colonial se mantinha. Desde o século XVIII a ilha cubana era explorada principalmente para cultivo de tabaco e posteriormente foi introduzido a produção de açúcar. Com a crise de 1830 na Europa, a Coroa Espanhola passou a investir mais em suas colônias e dessa forma Cuba foi diretamente afetada por esses investimentos.

Com o passar dos anos a indústria açucareira foi se desenvolvendo de uma tal forma na ilha que provocou um certo desequilíbrio econômico na região. A parte ocidental da ilha foi a que mais se beneficiou desse desenvolvimento pois foi lá onde os grandes proprietários açucareiros se concentraram e enriqueciam; já a parte oriental foi onde os proprietários de menor porte se localizavam. Dessa forma os proprietários da parte ocidental estavam ligados à Coroa enquanto que os da parte oriental se demonstravam insatisfeitos com a situação. Os fazendeiros que já andavam descontentes com a Coroa Espanhola, reivindicavam uma série de medidas fiscais que os beneficiassem. Porém além de não atender essas medidas, a Coroa ainda aumentou os impostos pagos por eles, o que deixou a situação ainda mais tensa.

Foi então que em 1868 a Guerra pela Independência se iniciou, com os rebeldes sendo liderados por Carlos Manuel Céspedes que era um pequeno proprietário de terras na parte oriental da ilha caribenha. A Guerra dura dez anos até que a Coroa Espanhola propõe um acordo com os independentistas que ficou conhecido como Pacto de Zanjón. Nesse acordo Cuba não seria independente porém a Coroa admitia que cubanos fizessem parte do governo da ilha ao mesmo tempo que abolia a escravidão. Apesar de ter sido aceito, esse tratado gerou uma grande divisão entre os rebeldes pois o principal objetivo das lutas que era a

independência não era alcançado e nem todos aceitavam continuar na situação de colônia. Nesta primeira década os conflitos se deram inteiramente na região oriental da ilha, não tendo se alastrado para a parte ocidental - apesar das tentativas. No entanto isso não quer dizer que não houve adeptos na parte ocidental: uma das principais figuras que ficaria conhecido anos depois como uma grande liderança do movimento, veio exatamente dessa região e se chamava José Martí.

No ano de 1853, nasceu em Havana José Julián Martí Perez, futuro jornalista, intelectual e poeta que seria amplamente conhecido dentro e fora do continente americano. Filho de espanhóis imigrantes, ele teve a oportunidade de frequentar a escola quando era criança e com isso estar inserido na classe média cubana. Desde jovem Martí já começava a formar e expressar suas ideias contrárias à dominação espanhola pois ele vivia e conhecia a dura realidade cubana. Foi por esse motivo que o jovem Martí é preso em 1869, acusado de conspirar contra a Coroa Espanhola ao ser descoberto que ele escrevia para um jornal clandestino a favor da independência.

Na época em que foi preso, Martí tinha apenas 16 anos e foi condenado a cumprir seis anos de prisão. De saúde muito frágil desde pequeno, ele sofreu diversas vezes devido à dura vida na prisão. Depois de ser transferido algumas vezes e graças a muita insistência de sua mãe, Martí foi deportado para a Espanha em 1871 onde ele teve a oportunidade de continuar seus estudos até então interrompidos devido à sua prisão e é lá que ele se forma em Direito. Uma figura de suma importância na vida de Martí foi seu antigo professor quando ainda estudava em Cuba Rafael María de Mendive, um respeitado intelectual que na época se mostrava inclinado à independência. Ele teve uma importante contribuição para o jovem José Martí abrindo caminho para a formação de seus pensamentos nacionalistas e libertários.

A partir de 1875 Martí começa a viajar pelo continente americano conhecendo vários países e tendo contato com suas respectivas realidades. Isso foi essencial para o cubano ir amadurecendo ao longo do tempo seus ideais próprios. O primeiro país do continente que ele se estabelece após ir embora da Espanha foi o México. Lá o ainda jovem poeta permanece de 1875 à 1877. Nessa época o país passava por uma reforma liberal e logo Martí se insere nos meios intelectuais. Foi no México que o jovem José Martí começou a esboçar a ideia de identidade “americana”. Importante constatar que “americano” aqui não se refere aos Estados Unidos mas a todas as nacionalidades do continente americano. Ele enxergava os americanos como um povo diferente dos outros povos, um povo com um espírito, uma natureza próprios e

que por isso não adiantava importar ideias europeias para resolver as questões da América. Sua ideia de identidade americana apenas começa a ser esboçada em sua estadia no México, porém é quando o poeta vai à Guatemala que essa ideia ganha substância.

Na Guatemala Martí desenvolve melhor a ideia do povo da América Latina ser um povo novo, diferente. Para o autor os americanos não eram iguais aos europeus e nem aos indígenas que viveram no território antes da chegada dos europeus pois na verdade ele era resultado da união dos dois. Ficava claro para Martí que as sociedades indígenas nativas do continente viviam em harmonia e em desenvolvimento até a chegada dos europeus que trouxeram consigo a destruição e extermínio das populações nativas. Ele usa inclusive a expressão “*povo mestiço*”³ para caracterizar o povo resultante da combinação entre europeus e indígenas. A singularidade deste povo mestiço - do qual o próprio Martí fazia parte- estava mais no âmbito espiritual do que nos aspectos físicos. Por ser uma mistura de dois outros povos, o povo mestiço que teria surgido dessa combinação seria um povo peculiar, com uma natureza própria. Na verdade apesar de Martí caracterizar os americanos como diferente de outros povos, ele tomava partido em defesa dos povos nativos do continente pois o próprio autor acreditava que os povos nativos possuíam uma liberdade que lhes foi tirada com a vinda dos europeus e essa liberdade era, em alguma medida, uma tarefa dos americanos resgatar para si.

Martí viveu em terras venezuelanas por alguns meses de 1881 e lá é possível afirmar que ele dá um passo significativo sobre o seu pensamento acerca da América Latina. Ele começa a defender a ideia de que mudanças tinham que ser feitas, mudanças radicais que transformassem por completo a América. Fazia-se imprescindível para o poeta que fosse construída uma América nova. Isso se fazia necessário visto que todo o continente ainda sofria com as heranças e os males da colonização europeia -mesmo os países que já eram independentes- e apenas organizando uma nova América isso seria superado. Era importante começar a construção dessa nova América o mais rápido possível pois a época em que vivia Martí era um período de grandes transformações - tecnológicas, científicas, etc.- que o mundo atravessava e dessa forma era importante que o continente acompanhasse essas mudanças. Nesse sentido como partidário da luta pela independência Cubana, Martí via sua terra natal como o primeiro local que seria implementado esse novo modelo, e que a partir disso o resto do continente seguiria seu exemplo.

³ MARTÍ, J. “Os Códigos Novos”, Obras Completas, t.7.

Após voltar a Cuba, Martí é novamente preso e exilado. Então ele foi para os Estados Unidos e lá além de avançar em relação ao seu pensamento americanista, ainda inseriu novas questões em seus debates. Ele já tinha claro que o mundo estava mudando rapidamente porém ao viver em Nova York e conseqüentemente ao conhecer melhor a dinâmica e a sociedade estadunidense, Martí pôde perceber que o principal país que era retrato dessa acelerada mudança global eram os Estados Unidos. Devido ao seu rápido avanço industrial e a seu acelerado progresso tecnológico os Estados Unidos lideravam o resto do mundo a essa nova etapa da História. Entretanto o poeta pôde perceber também que era graças à esse acelerado desenvolvimento que os Estados Unidos começavam a representar um perigo para a América Latina visto os interesses expansionistas visando cada vez mais lucro.

Ao ficar claro para Martí essa ameaça que os Estados Unidos representavam ele foi desenvolvendo mais seu pensamento americanista no sentido de propor uma unidade entre os povos da América Latina. Essa unidade para ele já existia no âmbito do espírito, visto que os vários países do continente possuíam um passado comum, porém ele sugeria que a unidade fosse ampliada para o campo das ideias e das ações. Isso se fazia essencial para a América Latina encarar a nova etapa que se iniciava no mundo e os perigos decorrentes disso. É importante esclarecer entretanto que a unidade continental defendida por Martí não era uma unidade política, ou seja, ele não defendia que houvesse uma união dos vários países em único país. Sua ideia de unidade é mais no sentido de direcionamento, como nos mostra Pedro Pablo Rodríguez “(...)para Martí, a identidade latino-americana (“a família nacional americana”) seria plena desde que unida, agrupada, o que, já sabemos, dependia mais de idéias, de propósitos e de ação do que de integração político-estatal(...)”⁴.

Importante notar que Martí não inclui os Estados Unidos nessas ideias de integração. Isso ocorre visto que Martí está tratando dos países essencialmente hispano-americanos pois eles possuem um passado comum já que todos foram dominados pela Espanha. Já os Estados Unidos, que teve dominação inglesa, não entra nesse meio até por ter tido um outro tipo de colonização e conseqüentemente ter se desenvolvido de forma diferente dos outros países do continente ao longo dos séculos. No entanto apesar de falar dos países americanos, Martí deixa o Brasil de fora. Isso acontece pois o Brasil também tem um passado diferente desses países já que foi dominado pelos portugueses. Dessa forma é importante ter em mente que Martí está falando da América que fala essencialmente o espanhol.

⁴ RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as Duas Américas*. p.67.

Esse projeto continental que Martí concebia, que seria um novo modelo diferente dos modelos europeus e americanos até então existentes, além de identificar a identidade americana e propor uma unidade também se preocupava em integrar as diferentes classes à sociedade, algo que até então não ocorria. Muitos setores sociais ficavam à margem da sociedade vivendo em situações precárias como os camponeses e os índios. Para Martí era essencial dar valor principalmente aos indígenas, os primeiros habitantes do continente. Nesse sentido era preciso parar de deixá-los à margem da sociedade e integrá-los. Esse era um ponto em que ele identificava como sendo um dos diversos causadores do mal-estar que as sociedades hispano americanas viviam naquele período.

Martí não estava de acordo com o Pacto de Zanjón e por isso foi um dos que optaram por retomar as lutas. Entretanto os independentistas tinham consciência de que precisavam de tempo para poderem reunir recursos e pessoas visando a volta dos conflitos. Em 1892, já amplamente reconhecido dentro e fora de Cuba, Martí criou o Partido Revolucionário Cubano para as forças rebeldes poderem se organizar e planejar o reinício das batalhas pela independência. Como a proposta era de um partido que abarcasse qualquer pessoa que desejasse a independência, vários setores diferentes da sociedade se reuniram nele. Por esse motivo o grupo não era homogêneo nem no que tangia as ideias. Seu principal objetivo era claro: a emancipação de Cuba porém no que dizia respeito ao futuro pós-independência existiam discordâncias. Duas principais correntes se destacavam no partido: a liderada por José Martí que além do fim do domínio espanhol era contra o nascente imperialismo norte-americano e a de Tomas Estrada Palma que fazia parte de um setor da oligarquia que era a favor dos Estados Unidos.

Foi em 1895 com os recursos suficientes que as lutas pela independência retornaram. Dessa vez elas ocorreram em todo o território cubano, tanto na parte ocidental quanto na parte oriental. Porém um acontecimento definiu o rumo que as lutas pela emancipação tomaram: a morte de Martí. Poucos meses após a retomada dos conflitos, o poeta faleceu e isso fez com que a ala do Partido que era pró-Estados Unidos ganhasse força e liderasse o movimento a partir de então. Por causa disso também a entrada dos Estados Unidos - que há muito tempo já mantinha um olho sobre a ilha- na guerra foi facilitada.

Durante todo o século XIX os Estados Unidos tinham interesse na região das Antilhas com o objetivo de expandir o seu território. Na realidade no início do século existia inclusive

a ideia de que Cuba seria parte de sua “fronteira natural”⁵ no continente americano, ou seja, por natureza aquela região deveria pertencer aos norte-americanos. O problema é que a anexação mexia diretamente com a política interna norte-americana visto que em Cuba ainda vigorava o sistema escravista enquanto nos Estados Unidos existia uma tensão muito forte entre o norte que era abolicionista e sul que era escravocrata. O sul necessitava de mais terras para ampliar o seu sistema de plantation e a ilha caribenha aparecia como uma boa oportunidade porém o norte que já era industrializado era contrário justamente por ainda existir na ilha o sistema escravista. Por esse motivo ao invés de um conflito com a Espanha os Estados Unidos tentaram por diversas vezes ao longo do tempo comprar aquela região, tentativas essas que não obtiveram sucesso. Por outro lado além do interesse na produção de tabaco e açúcar na ilha, aquela região se mostrava estratégica para os norte-americanos. Cuba seria um bom local para defesa das rotas do Golfo do México e além disso os Estados Unidos já estavam interessados há muitas décadas em criar o Canal do Panamá, que seria como um outro ponto importante de defesa.

Alguns proprietários de terra cubanos há muito tempo também desejavam a anexação da ilha pelos Estados Unidos visto o grande crescimento econômico que esse país estava passando durante o século. A ascensão norte-americana no que tange ao desenvolvimento durante o século XIX foi muito rápida. De quinta potência na metade do século, os Estados Unidos subiram para segundo em poucas décadas depois. Isso favorecia o pensamento de parte dos cubanos sobre a anexação da ilha. Apesar de não ser a totalidade da população da ilha, pode-se dizer que em certa medida o desejo de anexação existia pelos dois lados (Cuba e Estados Unidos).

Após três anos de guerra, em 1898 com a justificativa de que um navio norte americano foi atacado por navios espanhóis no porto de Havana, os Estados Unidos entram na guerra. Esse suposto ataque teria sido apenas um pretexto para que os norte americanos interessados na ilha participassem da guerra e colocassem futuramente seus interesses em prática. Entretanto ao entrar na Guerra, os norte-americanos não reconheceram o Partido Revolucionário Cubano. Essas e outras ações dos norte-americanos causavam uma divisão ainda maior dentro do Partido como nos mostra Eliane Anconi “*Este tipo de conduta dos*

⁵ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina. p.14.

interventores propiciava protestos, renúncia de chefes militares e a conseqüente divisão interna do Exército Revolucionário.”⁶

No final de 1898 o Tratado de Paz de Paris é assinado e dá fim à luta pela independência cubana com a vitória dos independentistas cubanos e dos norte-americanos. Pode-se dizer entretanto que quem mais saiu vitorioso dessa guerra foram os Estados Unidos e não Cuba. Apesar de no tratado ficarem garantidos a independência de Cuba, os Estados Unidos se responsabilizavam em garantir a harmonia e paz da ilha caribenha. Um ano depois os norte americanos formaram um governo militar na ilha com o intuito de iniciar o projeto de anexação ao seu território. Por mais que houvesse quem apoiasse essa anexação - por parte dos cubanos- a maioria da população era contra. O povo de Cuba queria ser independente e não voltar a ser dominado como já tinha sido anteriormente ao longo dos séculos. Ao enxergar tal situação o governo norte-americano desistiu da ideia de anexação, porém manteve o domínio sobre a ilha ao mesmo tempo que preservava seu estatuto de independência.

Em 1901 foi aprovado no senado norte-americano a Emenda Platt. Essa emenda legitimava qualquer intervenção por parte dos Estados Unidos em Cuba a qualquer momento. Tornava-se possível inclusive que os Estados Unidos tirassem e colocassem novos governos a seu bem entender. Dessa forma apesar de na teoria Cuba ser um país independente não era bem isso que acontecia na prática. Assim Eliane Anconi mais uma vez resume bem a situação tal qual se demonstrava: *“A dominação norte-americana se concretizava não com o uso da força, mas por meio de diversos mecanismos.”*⁷

1.2 O Período pós-independência e a Revolução de 1959

No início do século XX os Estados Unidos lançaram a política do “Big Stick” visando defender e garantir seus interesses na América Latina, principalmente da ameaça dos países

⁶ ANCONI, Eliane. *Antecedentes Históricos de uma Revolução Anunciada* in COGGIOLA, Osvaldo(org.) *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo. Ed. Xamã, 1998. p.17.

⁷ Id.Ibid.p.18.

européus. Graças a isso, os países da América Latina passam a enxergar os Estados Unidos com muita desconfiança ao longo de várias décadas pois os norte-americanos estavam apenas garantindo os seus interesses e não se importavam com os interesses dos países dessa região, países esses que eram todos subdesenvolvidos e desejavam mudar esse panorama. Houve várias invasões a países latino-americanos nessas primeiras décadas, como aconteceu por exemplo na Nicarágua em 1909 quando esse país foi invadido pelo exército norte-americano com o intuito de defender o governo que era pró-Estados Unidos de um golpe. Em 1908 as tropas norte-americanas deixam Cuba depois de um longo período de anos ali presente. Isso foi feito porque os Estados Unidos queriam garantir que as lideranças do país estivessem de acordo com seus interesses de exploração da ilha. Entretanto em 1917 ocorre uma nova invasão na ilha caribenha, mais uma vez com o objetivo de proteger os seus investimentos.

Cuba passou a primeira metade do século XX recebendo intervenções constantemente dos Estados Unidos. Em 1929 quando a crise econômica estourou todos os continentes sentiram seus efeitos, em especial a América Latina que era “subdesenvolvida” e as condições que já não eram fáceis ficaram ainda mais delicadas. Na ilha caribenha o general Gerardo Machado - que possuía respaldo dos Estados Unidos- teve de enfrentar uma forte oposição, visto que a situação da população da ilha antes da crise já era ruim e se agravou ainda mais após 1929. Dessa forma ele teve de enfrentar muitos protestos e pedidos pela sua renúncia porém utilizava da força e do terror para reprimir esses atos. Ele conseguiu se manter no poder até 1933 quando o Exército e a Marinha o obrigaram a renunciar. Com isso quem assumiu em seu lugar foi Carlos Manuel de Céspedes y Quesada que também mantinha boa relação com os norte-americanos porém ele não durou muito tempo no poder, visto que uma parte do Exército e da Marinha novamente se rebelaram, liderados dessa vez pelo sargento Fulgêncio Batista que tinha o apoio do Directorio Estudiantil.

Foi então que Ramón Grau San Martín foi nomeado presidente de Cuba e Fulgêncio Batista promovido à coronel, passando dessa forma a controlar todo o Exército cubano. Os Estados Unidos assistiram isso com inquietação visto que a nova liderança não estava alinhada com seus interesses e apesar de se fazer possível uma intervenção diretamente na ilha, principalmente graças à Emenda Platt, os norte-americanos não a fizeram pois a pouco tempo estavam colocando em prática a Política da Boa Vizinhaça que tinha o intuito de melhorar sua relação com os países latino-americanos. Uma nova intervenção na ilha acabaria

com esse esforço de tentar recuperar seu prestígio com os países do continente. Entretanto os Estados Unidos não reconheceram o governo de Grau San Martin.

As disputas internas no governo acabaram por se acentuar e ao perceber que os Estados Unidos não reconheceriam o atual governo, Fulgêncio Batista graças ao seu efetivo controle sobre todo o Exército fez com que Grau San Martin renunciasse em 1934 e em seu lugar colocou Carlos Mendieta que anteriormente era coronel. Essa nova liderança teve reconhecimento dos Estados Unidos e inclusive esse país revogou a Emenda Platt. Após dois anos foram convocadas eleições na qual Miguel Mariano Gomez foi eleito por três partidos como presidente. Porém ao ir contra os interesses do Exército ele se viu obrigado a renunciar e então o vice-presidente Frederico Laredo Brú assumiu o cargo.

Durante muito tempo apesar do coronel Batista não ser presidente de Cuba, era ele que controlava os bastidores da política no país, colocando e tirando governos à sua vontade - em conformidade com os Estados Unidos- já que possuía o total controle do Exército cubano. Nesse sentido não é estranho constatar que ele concorre às eleições de 1940 e consegue a vitória. Em 1944 acaba o mandato de Batista que foi apoiado pelo Partido Socialista Popular (PSP) - antigo Partido Comunista- e que graças a isso gerava um certo olhar de desconfiança por parte dos norte-americanos. Nesse ano é eleito novamente Ramón Grau San Martin pelo Partido Revolucionário Cubano - o que foi criado por José Martí. Porém o partido estava com a imagem manchada devido aos escândalos de corrupção e por causa disso alguns de seus antigos membros fundam o Partido del Pueblo Cubano também chamado de Partido Ortodoxo e que aparecia como uma alternativa afirmando ser o verdadeiro defensor das ideias libertárias de José Martí. Importante constatar que o partido teve uma boa recepção principalmente da parte dos estudantes.

O governo de Grau San Martin entrou em discordância com os Estados Unidos. A liderança cubana queria aumentar a cota de açúcar exportada aos Estados Unidos. Isso ia na direção oposta que aquele país desejava e então os Estados Unidos se viram numa situação complicada. Essa reivindicação do presidente cubano tinha amplo apoio da população da ilha, que há décadas se mostrava insatisfeita com os rumos que o país vinha tomando, sendo sempre benéfico aos seus vizinhos do norte e ruim para os cubanos. Existia um certo receio por parte dos norte-americanos de que essas condições possibilitassem a ascensão do comunismo na ilha. Como afirma Luiz Alberto Moniz Bandeira “(...)conforme a advertência de Briggs evidenciara, seria a própria política norte-americana, se recusasse a Cuba um

tratamento justo e favorável às suas exportações de açúcar, que promoveria ali o advento do comunismo, ao incrementar no povo daquele país os ressentimentos contra os EUA.”⁸

Entretanto nessa queda de braço, saiu vitorioso os interesses norte-americanos e o governo de Grau San Martin teve que aceitar sua derrota.

Carlos Prío Socárras é eleito sucessor de Grau San Martin porém ele não consegue chegar ao final de seu mandato devido a um golpe dado por Fulgêncio Batista em 1952. Dessa forma Batista volta ao poder da ilha e implementa uma ditadura militar que vai durar quase uma década. Com a volta de Fulgêncio Batista ao poder, Cuba entra numa etapa histórica que será decisiva para o futuro da ilha.

Com o retorno de Batista à liderança do país muitos partidos de oposição estavam enfraquecidos para fazer resistência ao seu governo. O único partido que despontava de alguma possibilidade em realmente fazer frente ao governo de Batista era o Partido Ortodoxo. Este partido, composto majoritariamente por estudantes, abrigava o até então jovem Fidel Castro. Nascido em 1926 em Holguín, filho de pais gauleses, Fidel estudou durante a infância em escolas jesuíticas e posteriormente iniciou seus estudos em Direito na Universidade de la Habana. Na volta de Batista ao poder Fidel já tinha uma certa experiência na política latino-americana e em lutas revolucionárias ao participar em 1947 da tentativa de derrubar o governo do ditador Trujillo na República Dominicana. Além disso no ano seguinte Castro participou do *bogotazo* que deu origem à guerra civil colombiana. No ano de 1952, Fidel já estava de volta a Cuba e tinha concluído seus estudos em Direito, além de estar filiado ao Partido Ortodoxo.

Dentro do Partido existiam divergências sobre como deveria ser empreendida a resistência ao governo de Batista. O líder do Partido Emilio Ochoa defendia que deveria ser utilizado a estratégia de boicotes, sem lançar mão da violência. Já para Fidel Castro era necessário combater o regime de Batista através da luta armada. A posição defendida por Fidel foi a que mais teve adesão dos membros do Partido e por isso eles iniciaram a preparação para colocar em prática tal estratégia. O plano era atacar um lugar importante para as forças de Batista e com isso foi decidido realizar um ataque ao quartel de Moncada.

Localizada na cidade de Santiago que é capital da província do Oriente, o quartel de Moncada era o segundo maior de todo país e por isso tinha significativa importância para as forças do Exército. O plano era atacar o quartel durante a madrugada de 26 de Julho pois

⁸ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. op.cit. p.96.

nessa data era carnaval na ilha e com isso deveria haver menos soldados no quartel e os que estivessem lá estariam num clima mais descontraído. Haveria em simultâneo o ataque à outro quartel e a ocupação de um hospital também em Santiago. O objetivo maior dessas ações era que após todas elas serem concluídas, os militantes através do rádio chamariam a população da cidade para se dirigir aos quartéis tomados para se armar e então iniciar uma revolta armada.

A tentativa de usar o fator surpresa para os ataques deu errado. Os militantes acabaram sendo descobertos ao tentar invadir o local e devido à desproporcionalidade entre o número de soldados e os militantes, estes últimos foram obrigados a fugir. Apesar de alguns terem sido mortos nas tentativas de fuga, a maioria foi capturada e presa e dentre esses estava Fidel Castro. Em seu julgamento ele pôde fazer sua própria defesa já que era advogado e então Fidel realizou um discurso que durou por cinco horas elencando os objetivos da ação armada ao quartel de Moncada. Esse discurso, que Fidel deu o nome de “ A História me absolverá”, ficou rapidamente conhecido entre os opositores de Batista mas apesar de tamanho sucesso ele foi condenado a 15 anos de prisão. Dentre muitos dos objetivos que Fidel traz à luz em seu discurso, alguns deles como reforma agrária, reforma educacional e a divisão das terra para pequenos camponeses já demonstra o caráter popular e igualitário dos objetivos de Fidel e do próprio Partido Ortodoxo, algo que até então não tinha acontecido na História de Cuba.

Como Batista tinha ascendido ao poder através de um golpe e não tinha apoio popular, ele teve um certo cuidado para tentar aos poucos legitimar o seu governo. Uma medida com esse intuito foi libertar alguns presos políticos, porém nestes não estavam inclusos os combatentes do assalto à Moncada. Entretanto devido inicialmente a pressões de algumas organizações como a Federación de los Estudiantes Universitarios (FEU) e o PSP - por mais que esse partido não estivesse totalmente de acordo com as ações de Fidel- Batista acabou libertando os presos do assalto à Moncada em 1955, principalmente após haver grande adesão popular pedindo a libertação dos combatentes.

Após saírem da prisão os combatentes se reuniram e decidiram fundar o Movimento Revolucionário 26 de Julho com o intuito de se organizar melhor para enfrentar as forças de Batista. A data foi escolhida em homenagem à tentativa de assalto ao quartel de Moncada e Fidel Castro era uma de suas lideranças. O movimento adotou “A História me absolverá” como programa a ser seguido e seu objetivo último era claro: derrubar o regime de Fulgêncio Batista. Inicialmente o movimento começou sendo composto de ex-combatentes do assalto à

Moncada porém com o tempo foi crescendo e ganhando adesão de outras lideranças e organizações⁹ que faziam oposição à Batista.

O MR 26 de Julho foi crescendo e ganhando a simpatia da população de uma forma geral cada vez mais rápido e Batista sabendo disso começou a monitorar e censurar suas táticas de propaganda. As lideranças da organização concordaram que era necessário reunir recursos e mais pessoas para poder lançar uma ofensiva contra Batista e por isso uma parte do movimento foi para o México atrás desses objetivos. Além disso, fora de Cuba as ações de Batista contra a organização eram limitadas. A parte desse movimento que ficou na ilha estava encarregada de recrutar e treinar cada vez mais membros.

Foi no México em 1955 que Fidel Castro conhece Ernesto Guevara. Nascido em 1928 em Rosário na Argentina, o médico “Che” Guevara já conhecia um pouco do continente americano pois há alguns anos vinha visitando de moto muitos dos países latino-americanos. Antes de ir ao México, Guevara viveu na Guatemala onde presenciou e participou de acontecimentos importantes para a História naquele país.

A Reforma Agrária realizada na Guatemala durante o governo de Arbenz prejudicou os negócios de empresas norte-americanas, o que gerou um enorme descontentamento por parte dos Estados Unidos acusando uma infiltração comunista no governo guatemalteco. Nesse sentido os Estados Unidos só não intervieram militarmente na Guatemala pois isso ia contra a carta da OEA onde diz que nenhum país tem o direito de se intrometer nos assuntos internos de outro país. Além disso ao realizar tal ação, isso poderia gerar ondas de revoltas em outros países da América Latina e desgastar ainda mais a reputação dos norte-americanos com o restante do continente - reputação essa que já estava em baixa durante muitas décadas. Dessa forma a alternativa encontrada pelos Estados Unidos foi financiar e treinar grupos rebeldes para que através da luta armada tirassem Arbenz do poder. Assim em 27 de junho de 1954, quando já não tinha mais como resistir, é feita a renúncia de Arbenz publicamente e em seu lugar assume Carlos Castillo Armas com quem mantinha forte ligação com os norte-americanos.

Guevara adere ao MR 26 de Julho no México e lá quando finalmente arrecadam fundos suficiente, elaboram em conformidade com os revolucionários que ficaram em Cuba o início dos ataques ao governo de Batista. No dia 30 de novembro estava planejado uma

⁹ Uma dessas organizações foi o Movimento Nacional Revolucionário e também alguns membros da Ação Libertadora Nacional.

insurreição na cidade de Santiago e os revolucionários que estavam no México voltariam de iates para encontrar com um grupo que estaria esperando eles em Níquero e de lá eles iriam juntos em direção à Manzanillo atacar sua guarnição. Devido a alguns imprevistos que aconteceram ao longo da viagem os revolucionários chegaram em território cubano depois do previsto e lá acabaram perdendo-se pois foram vistos por uma patrulha. Com isso passaram dias sem se comunicar até que finalmente conseguiram se reunir e foram em direção à Sierra Maestra. Nessa região enquanto os guerrilheiros ainda eram nômades houve alguns conflitos com os soldados de Batista, conflitos esses dos quais os revolucionários obtiveram algumas vitórias. Aos poucos os camponeses que viviam na região foram mostrando simpatia pelos guerrilheiros e isso possibilitou que eles se fixassem. Conforme os rebeldes iam conseguindo algumas vitórias, uma parte da burguesia cubana que era contrária a Batista se aliou a eles.

Os Estados Unidos não assistiu a esse conflito sem tomar nenhuma medida. O presidente norte-americano na época Eisenhower além de aliado era amigo de Batista e fornecia além de equipamentos - como armas, tanques,etc- dinheiro para o presidente cubano combater os revolucionários. Entretanto no que diz respeito à CIA, parece que as posições adotadas foram mais ambíguas. Não há dúvida de que ela auxiliou muito à Batista porém ela também teria fornecido ajuda - em certa medida- ao MR 26 de Julho. Existe a crença de que os equipamentos de rádio utilizados pelos rebeldes para fundar em Sierra Maestra a Rádio Rebelde teria sido a CIA que forneceu. Isso nunca deixou de ser uma suposição, não tendo sido comprovado até hoje. Como nos mostra Luiz Alberto Moniz Bandeira “ *Na realidade, desde que Castro iniciara a guerra de guerrilhas a partir de Sierra Maestra, as agências do governo norte-americano não mantiveram uma posição conseqüente, monolítica e uniforme, dado que diferentes percepções formaram-se tanto dentro da CIA quanto do Departamento de Estado.(...) Segundo o jornalista Tad Szulc, desde novembro de 1957 até meados de 1958, a CIA destinou a alguns membros proeminentes do M-26-7 em Santiago nada menos que US\$50.000.*¹⁰ Nesse sentido a relação da CIA com ambos os lados poderia ser com o objetivo de garantir uma boa relação com ambos, já que um dos dois sairia vencedor dos conflitos.

Entretanto isso não impediu que os Estados Unidos tentassem afastar as lideranças mais radicais da frente do movimento revolucionário. Em Miami foi organizado um encontro entre diversos opositores de Batista mais “conservadores”, e nesse encontro teria se decidido formar uma junta liderada por Felipe Pazos, um homem com ideias mais moderadas. No

¹⁰ BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. op.cit.p.155.

entanto Fidel percebeu essa tentativa por parte dos norte-americanos e logo desqualificou esse acordo. Sem receber adesão esse acordo logo caiu no esquecimento e as lideranças mais radicais do movimento se mantiveram.

Com o passar do tempo os revolucionários que estavam em Sierra Maestra foram criando escolas, hospitais e dando todo o tipo de ajuda humanitária para a população local - que era formada por camponeses. Isso serviu também como uma estratégia por parte dos rebeldes de cada vez mais conseguir a simpatia e a adesão das classes mais populares da sociedade, que eram as que mais sofreram ao longo do tempo.

Com a rádio Rebelde e cada vez mais ganhando adesão popular, os revolucionários decidiram que tinha chegado o momento de derrubar o governo de Batista. Ficou acordado entre suas lideranças que isso seria feito através de uma greve geral seguida de uma insurreição popular que seria convocada pela rádio. Entretanto esse plano acabou se mostrando falho. A data da greve não era divulgada para não alertar as autoridades e com isso no dia 9 de abril de 1958, o chamado para a greve geral foi feito pela rádio às 11h da manhã. Entretanto nesse horário quase ninguém estava ouvindo rádio. A população sabia que estava para acontecer a greve mas como a data planejada não foi divulgada e pela escolha equivocada do MR 26 de Julho, a greve acabou se tornando um fracasso. Os grupos que estavam a postos em diferentes regiões da ilha para entrar em confronto com as autoridades após o chamado para a greve foram massacrados.

Com essa vitória Batista quis terminar de uma vez com as lutas contra seu regime, e por isso ordenou uma série de ataques à Sierra Maestra - onde as principais lideranças revolucionárias viviam- com o apoio dos Estados Unidos. No entanto o exército não conseguiu sufocar os guerrilheiros e além disso sofreu incontáveis baixas. Os revolucionários conseguiram roubar o livro que continha os códigos das ações que eles tomariam. Com isso durante muito tempo eles se anteciparam às forças de Batista. Apesar dos revolucionários estarem em número muito menor, as mortes no exército de Batista foram muito maiores. Como nos mostra Odir Alonso Junior “ *O exército rebelde sofreu baixas da ordem de 27 mortos e 50 feridos, por seu lado, o exército do regime teve mais de mil homens fora de combate.*”¹¹ Com essa frustrada tentativa de sufocar os guerrilheiros, as tropas do exército deixam a região.

¹¹ JUNIOR, Odir Alonso. O Processo Revolucionário: 1953/1959 in COGIOLLA, Osvaldo(org.). Revolução Cubana: História e Problemas atuais. São Paulo, Ed.Xamã. 1998.

A partir disso os revolucionários voltaram a atacar o exército de Batista e dessa vez com o plano de ir conquistando as cidades próximas de Havana até chegar nela e derrubar Fulgêncio Batista do poder. Conforme esse plano foi sendo executado e progredindo, os Estados Unidos sugeriram à Batista convocar eleições na tentativa de ainda salvar o seu governo. Porém essa ideia não teve adesão nem dos partidos nem da população. Então os Estados Unidos queriam que Batista renunciasse para formar uma junta civil militar e dessa forma impedir a chegada dos revolucionários ao poder. No entanto essa ideia não se fazia mais possível pelo desenrolar dos acontecimentos. Foi então que na madrugada de ano novo de 1959 que Batista fugiu de avião de Havana. No entanto uma última tentativa desesperada de impedir que os rebeldes chegassem ao poder foi feita: Carlos Manuel Piedra assumiu a presidência. Os revolucionários ao saberem disso convocaram pela rádio uma greve geral, que dessa vez foi bem sucedida. É então que Fidel e Guevara junto com outros revolucionários entram em Havana e assumem o poder da ilha.

Cuba até aquele momento era um lugar de extrema exploração e pobreza. Era um lugar conhecido pelos cassinos e a prostituição. Muitos dos norte-americanos com boas condições financeiras passavam as férias na ilha alimentando essas redes. O domínio norte-americano na ilha já durava muitas décadas desde a sua independência e a própria população cubana vinha cada vez mais nutrindo esse sentimento anti-Estados Unidos. Até a chegada dos revolucionários ao poder, a ilha estava em constante agitação seja por causa de protestos populares, manifestações contra os diferentes governos, ou até a entrada e saída de vários governos. Não causa espanto que o ambiente foi propício para o surgimento dos revolucionários do MR 26 de Julho e de outras organizações que desejavam um futuro diferente do presente da ilha. Fidel Castro como tantos outros cubanos e latino-americanos eram cada vez mais anti-Estados Unidos visto que era esse país o grande responsável pela situação da ilha.

A partir da chegada dos revolucionários ao poder é interessante dividirmos a Revolução em duas fases distintas assim como o faz José Maurício Domingues¹². A primeira que teria sido iniciada quando Fidel se aproxima do bloco socialista e vai até o início da década de 70 é denominada a fase voluntarista. Isso porque nesse período as lideranças revolucionárias queriam alcançar o quanto antes o socialismo sem se importar tanto com

¹² DOMINGUES, José Maurício. A revolução cubana entre o passado e o futuro in Observatório Político Sul-Americano. p.3.

questões institucionais. Um exemplo disso é que durante a década de 60 além da criação do Partido Comunista Cubano(PCC) -formado por revolucionários de procedências diversas- foi criado apenas o Instituto Nacional da Reforma Agrária(INRA). Na verdade as questões institucionais que surgiam nos debates entre as lideranças do país logo eram colocadas de lado. Como nos mostra José Maurício Domingues “*Localizava-se aí uma clara primazia da vontade política sobre qualquer institucionalidade formal.*”¹³

Na década de 70 houve a percepção por parte dos líderes revolucionários que se fazia essencial a institucionalização da Revolução para poder consolidá-la. A influência soviética nesse período também foi importante para mudar a postura dos revolucionários cubanos visto que os soviéticos também utilizavam da institucionalização para garantir o futuro de seu regime. A expressão máxima desse período de institucionalização foi a elaboração da nova Constituição em 1976. No entanto apesar de se ter superado a fase voluntarista, de tempos em tempos esse foi um recurso utilizado pelas lideranças revolucionárias -principalmente por Fidel- em determinadas situações.

O regime cubano desde sua fase voluntarista tentou construir uma sociedade pautada na igualdade entre todos, independente de qualquer fator como gênero, classe, raça,etc. A ideia é que com a população desfrutando das mesmas condições, dos mesmos direitos, isso ocasionaria em um povo sem qualquer tipo de conflito, sem nenhum elemento de perturbação da ordem. Dessa forma a população teria os mesmos interesses. Essa “*homogeneidade nacional*”¹⁴ é fruto da ideologia socialista da qual era pautado o regime cubano mas para além disso, isso se fazia importante também no sentido de que com o povo unido seria mais difícil os Estados Unidos desestabilizarem o regime na ilha. Fato é que tentativas por parte dos norte-americanos não faltaram ao longo de todo o século XX. O governo cubano ainda teve um elemento facilitador nesse processo: várias camadas insatisfeitas com o rumo tomado pela revolução, principalmente as classes média e alta, deixavam o país. Essa imigração foi significativa e caso não tivesse ocorrido seria mais difícil tentar implementar esse ideal igualitário visto que os combates, inclusive com o uso da violência, seriam utilizados.

Ainda em 1959, poucos meses após os revolucionários terem chegado ao poder, ou seja, antes mesmo de iniciar a fase voluntarista, importantes conjuntos de medidas foram tomados pelos rebeldes, medidas essas que a partir de então direcionariam a Revolução. O

¹³ id.p.4.

¹⁴ id.ibid. p.5

que ficou conhecido como Primeira Lei de Reforma Agrária, ainda que não tão radical foi um passo importante para o objetivo de eliminar a enorme exploração que acontecia no campo. A situação era tão grave que na década de 1950 aproximadamente 23% da população da ilha era analfabeta e na região rural esse índice era de 43%. Além disso a superexploração realizada pelos grandes proprietários aos trabalhadores era um problema grave. Algumas das medidas tomadas foram: os proprietários deveriam declarar o verdadeiro tamanho de suas terras, criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária(Inra) para fiscalizar e controlar as atividades no campo, etc.

O regime cubano teve de encarar muitas dificuldades resultantes de tais medidas. Muitos grupos contra-revolucionários -principalmente no campo- realizavam ataques às inspeções do governo, financiados pelos Estados Unidos. A Reforma Agrária mexia diretamente com os interesses de grandes proprietários norte-americanos e por isso não é de se estranhar que o presidente Eisenhower suspendeu as importações do açúcar cubano como uma forma de protesto. O governo cubano por sua vez expropriou todas as empresas norte-americanas da ilha e poucos meses depois foi lançado a “Segunda Reforma Agrária”. Radicalizando ainda mais a Revolução, esse conjunto de medidas nacionalizou todas as empresas privadas no país.

Antes mesmo do regime cubano tomar tais medidas, desde a chegada dos revolucionários ao poder, muito se era discutido sobre o caráter ideológico da Revolução Cubana. O mundo todo assistia às guerrilhas de Fidel entrando em Havana com a expectativa de uma melhor compreensão sobre todos os ideais defendidos pelos rebeldes. Em especial os Estados Unidos que em plena Guerra Fria assistia uma Revolução sendo feita a pouquíssima distância de seu território. Ainda em 1959 quando Fidel foi aos Estados Unidos, o vice-presidente Richard Nixon perguntou a ele se o governo cubano possuía algum vínculo com os comunistas e Fidel afirmou que não existia nenhum vínculo e que nem ele mesmo era comunista. Ele foi além ao dizer que a Revolução não era nem de esquerda e nem de direita, mas que superava essas concepções. Entretanto poucos meses após essa declaração veio a Primeira Reforma Agrária que era claramente anti-capitalista. Em 1961 Fidel afirma publicamente ser comunista e dois anos depois a Segunda Reforma Agrária foi mais um grande ponto de embate com o capitalismo norte-americano.

Na realidade nem Fidel, nem Che Guevara e as outras lideranças revolucionárias eram comunistas no início. A Revolução inicialmente tinha um caráter anti-imperialista e

nacionalista mas não comunista. O próprio PSP durante as guerrilhas em Sierra Maestra não apoiavam os revolucionários. Na época dos confrontos o Partido defendia a vitória em cima de Batista por eleições e não através de conflitos. Na verdade além dos comunistas do PSP não apoiarem, eles ainda boicotavam as ações dos guerrilheiros. Foi somente em 1958 quando a vitória parecia certa aos rebeldes que o PSP decide por apoiá-los. No entanto mesmo após a vitória Fidel continuou sendo mal visto pelos comunistas não somente em Cuba mas ao redor do mundo. Não é de se estranhar que quando ele se declara comunista, recebe várias críticas de comunistas dos mais variados países. Isso acontecia pois ele não seguia rigorosamente a disciplina comunista algo que era essencial para ser um autêntico partidário dessa ideologia na época.

A Revolução ao longo do tempo foi caminhando para se tornar anti-capitalista. A primeira Reforma Agrária - que foi iniciada antes mesmo de entrar no período voluntarista, ou seja, antes de se assumir comunista- foi o início desse rumo tomado. Isso aconteceu pois para conseguir superar os problemas que Cuba possuía na época era fundamental tomar medidas que combatessem o sistema capitalista gerador da situação de miséria e exploração presente na ilha. Sendo anti-capitalista a Revolução foi se aproximando cada vez mais do comunismo até o momento que Fidel Castro declara publicamente ser comunista. Os revolucionários não tinham a intenção no início das lutas revolucionárias em implantar o comunismo em Cuba porém devido às circunstâncias históricas quando chegaram ao poder eles foram cada vez mais se aproximando e aderindo à ideologia. A realidade daquele tempo os fez seguirem por esse caminho.

Então é possível afirmar que antes de comunista a Revolução Cubana foi principalmente nacionalista. Se voltarmos a fins do século XIX podemos notar que as previsões de José Martí estavam corretas. A ameaça norte-americana se concretizou. A ilha saiu do domínio colonial espanhol e entrou num domínio neocolonial norte-americano. Entretanto as ideias nacionalistas e libertadoras de Martí não se perderam com a sua morte. Elas ficaram em certa medida suspensas no seio da sociedade cubana por décadas até que vieram à tona com as lideranças do MR 26 de Julho, principalmente Fidel Castro. Banhado pelas ideias de Martí, Fidel antes de comunista era nacionalista. Nesse sentido se faz importante percebermos como as ideias de Martí possuíram papel fundamental na formação do pensamento de Fidel Castro acerca da realidade cubana daquele período.

2

Os “Diálogos” entre Fidel e Martí

2.2

O Anti-Imperialismo

A questão do Imperialismo foi um ponto em comum que José Martí e Fidel Castro externam em seus discursos e escritos. Apesar de separados por um período temporal de cerca de cinquenta anos, esse era um problema que permanecia presente em Cuba. No entanto antes de vermos como cada um deles encarou esse problema, se faz necessário primeiro nos debruçarmos sobre a ideia de Imperialismo e as suas consequências.

Para tal empreendimento o historiador britânico Eric Hobsbawm será de grande auxílio. Tratando do final do século XIX e início do século XX, ele divide os países em dois grupos distintos: os desenvolvidos e os dependentes¹⁵. O primeiro grupo era caracterizado por países que possuíam bastante indústrias, além de que grande parte de suas populações eram alfabetizadas. Além disso eles caminhavam cada vez mais para um sistema democrático de representação popular. Isso é claro não era regra visto que a Rússia Czarista ainda estava longe de tal sistema de governo. E dentro desse grupo de países desenvolvidos, existiam diferenças também visto que alguns países se mostravam num estágio mais avançado do que outros. Já nos países dependentes, a maioria esmagadora da população era analfabeta, e por mais que existissem algumas indústrias, elas eram em quantidade bastante reduzida se comparada aos países desenvolvidos. A verdade é que nesse período a indústria é expressão máxima de modernidade, algo que o mundo não desenvolvido ainda não conhece. Além disso nesse grupo de países o sistema de governo estava longe de ser democrático em sua grande maioria.

Apesar de arbitrária e possuindo alguns problemas, essa divisão ajuda a entender o fenômeno que foi símbolo das últimas décadas do século XIX e penetrou durante muitas

¹⁵ Os termos “desenvolvidos” e “dependentes” usados para distinguir os países são termos contemporâneos à Hobsbawm e não do período no qual o autor está discutindo.

décadas do século seguinte. Dito isso é fácil notar que os países dependentes eram em sua grande maioria da América Latina, África e Ásia. E como o próprio termo já diz eles eram fortemente dependentes dos países desenvolvidos, que eram as grandes potências européias junto com os Estados Unidos. Esses países eram nesse período as nações mais fortes do mundo em termos militar e econômico. Por isso eles se acham no direito de dividir as regiões periféricas do globo entre eles. Dessa maneira o continente africano é totalmente cortado por franceses, ingleses, portugueses e belgas. Já a Ásia e a América não sofrem da mesma forma que a África. No continente asiático grande parte dos governos que lá existiam foram mantidos, mas sofrendo constantes influências das potências européias. Entre as poucas conquistas que de fato ocorreram no continente, a Índia foi a principal delas pelos britânicos. Já na América as potências européias não tiveram muito espaço para conquistas pois nessa época estava em voga a Doutrina Monroe, o que garantia os interesses dos Estados Unidos sobre o continente principalmente na região do Caribe.

Essa dominação que em muitos casos não era feita de forma direta -mas sim através de governos subordinados aos interesses das potências- possuía diversas razões que poderiam explicar tal empreendimento. O motivo econômico era sem dúvida importante para explicar tal fenômeno pois com o acelerado desenvolvimento as nações industrializadas precisavam cada vez mais de matéria-prima que era facilmente encontrada nesses países periféricos. Além disso a necessidade de expandir os seus mercados também era algo importante para essas potências. No entanto, como Hobsbawm procura reforçar, apenas o âmbito econômico não explica o que foi o Imperialismo. Muitas outras dimensões ajudam a entender esse fenômeno, como a questão política por exemplo. Controlar territórios em várias regiões do mundo era símbolo de poder para as potências e as consagrava ainda mais como as maiores nações da época. É por esse motivo que a Itália tenta dominar territórios africanos que economicamente não representavam ganho algum.

Outro aspecto importante era a questão cultural. A cultura ocidental era levada cada vez mais à essas regiões e isso inclui ideias, formas de agir, formas de falar, etc. A própria questão da religião era muito presente principalmente no continente africano, onde em algumas regiões a conversão se deu de forma mais efetiva enquanto em outras encontrou maior resistência. A legitimação de tal ação era de que os nativos eram seres inferiores e precisavam ser civilizados. Isso vai de acordo com o aspecto racial por trás do Imperialismo. De acordo com essa ideia, os europeus eram os únicos portadores da “civilização” enquanto

os povos das regiões dominadas eram tidos como bárbaros, que precisavam ser “educados”. Dessa forma tudo que não fazia parte da cultura dos países dominantes era tido como sem valor e precisava ser erradicado.

Em muitos outros âmbitos é possível explicar esse fenômeno porém o mais importante é destacar que o Imperialismo foi um fenômeno inédito até então e não pode ser comparado com o colonialismo dos séculos anteriores. Ele foi produto de condições específicas daquele período, o que nada tinha a ver com os séculos anteriores.

A palavra Imperialismo está presente desde os anos 1870, porém é em 1890 que ela aparece cada vez mais nos jornais dos países industrializados e vai fazendo parte de seu vocabulário político. Na virada do século é o momento em que os intelectuais de diferentes nacionalidades estão dando mais atenção ao conceito. A ideia de Imperialismo não possuía um sentido negativo inicialmente, existindo dessa forma políticos que se declaravam abertamente imperialistas, porém com o passar do tempo essa carga negativa foi ganhando espaço a tal ponto que no início da Primeira Guerra Mundial não existiam mais políticos que admitiam compactuar com tal política. Isso não quer dizer que não existissem mais imperialistas, eles apenas não se declaravam como tal.

Durante a primeira metade do século XX muito debate houve acerca de tal fenômeno. Os marxistas, tendo seu expoente nos escritos de Lênin acreditavam que a forma como o capitalismo se desenvolveu ao longo do século XIX, levou as potências européias ao Imperialismo, já os intelectuais anti-marxistas negavam tal relação, além de não concordarem que tal fenômeno era benéfico apenas para os países industrializados.

Com tudo isso é possível concluir que o Imperialismo deixou os países subdesenvolvidos ainda mais dependentes das potências que exerciam dominação sobre eles. No caso aqui tratado, Cuba se torna ainda mais dependente dos Estados Unidos. Dessa forma antes de avançarmos e percebermos como o Anti-Imperialismo se fez presente em Martí e posteriormente em Fidel, é possível notar que as ideias de ambos estão muito mais próximas do que apenas na questão do Imperialismo.

Após a tentativa fracassada do assalto ao quartel de Moncada em 1953, Fidel e os outros combatentes passaram quase dois anos presos. Cerca de dois meses depois desse acontecimento foi dado à Fidel o direito a fazer a própria defesa visto que ele era advogado. No entanto as condições nas quais o julgamento ocorreu foram longe das ideais. Uma estratégia por parte do governo para chamar a menor atenção possível para o julgamento foi

realizá-lo no fundo de um antigo hospital. Apesar de tudo, Fidel não se calou e em um discurso que durou horas ele denunciou toda a ilegalidade do processo ao qual estava sendo submetido além dos crimes cometidos pelo regime de Batista ao longo de todos os anos no poder.

Apesar de Fidel durante sua defesa se queixar que foi impedido de receber na prisão as obras de José Martí, isso não foi um problema para ele. Nesse discurso é possível observar pela primeira vez algumas contribuições das ideias de José Martí para o pensamento de Fidel. Logo no início é possível notar tal fato quando Fidel está tratando dos seus companheiros que também foram presos:

“Nunca me permitiram falar com eles na prisão e, não obstante, pensavam agir exatamente como eu pretendia. Quando os homens têm um mesmo ideal, ninguém pode isolá-los, nem a parede de um cárcere nem a terra dos cemitérios. A mesma lembrança, a mesma alma, a mesma ideia, a mesma consciência e o mesmo sentimento de dignidade alentam a todos.”¹⁶

Esse pensamento de que os ideais justos e verdadeiros quando compartilhados entre os homens têm uma força transcendente à qualquer obstáculo está presente em Martí, numa frase que Fidel cita do Apóstolo que diz “*Um princípio justo do fundo de uma cova é mais poderoso que um exército.*” Nesse sentido Fidel toca em um aspecto muito importante do pensamento Martíano, pois para o intelectual do século XIX era de fundamental importância que todos estivessem alinhados em ideias e espírito pois apenas dessa forma seria possível mudar os rumos do continente. Para Martí as ideias possuem tanto poder que não existiam barreiras que cerceassem sua força, por isso se os homens partilham de boas ideias seria muito difícil pará-los. Como identificou Martí em sua época “*O problema da independência não era a mudança de formas, mas a mudança de espírito*¹⁷.” Dessa forma Fidel demonstra que ele e seus companheiros estão alinhados ideologicamente de uma tal forma que mesmo mantendo-os sem contato não é o suficiente para prejudicar seus objetivos.

Contrariando algumas expectativas, Fidel fala que a intenção dos combatentes do assalto a Moncada não era de combater os soldados do regime, mas sim de tomar o controle daquele local e convocar os soldados e o povo a se rebelarem contra Batista. Na realidade Fidel entende que os soldados faziam parte do povo pois os identificava como uma classe

¹⁶ CASTRO, Fidel. A História me absolverá. São Paulo: Expressão Popular. p.12.

¹⁷ MARTÍ, José. Nossa América. Brasília: Editora UNB, p.24.

explorada e manipulada pelo regime, características fundamentais da ideia de “povo” que Fidel possuía

“Quando falo de luta, entendo por povo a grande massa oprimida, à qual tudo prometem, enganam e atraíam; que aspira a uma pátria melhor, mais digna e mais justa; que é movida por anseios ancestrais de justiça por haver sofrido, geração após geração, a injustiça e a zombaria(...)”¹⁸

Dessa forma, Castro destaca a força que o povo tem quando se une por um objetivo em comum: *“Nenhuma arma, nenhuma força é capaz de vencer um povo que se decide a lutar por seus direitos. São incontáveis os exemplos históricos remotos e recentes.”*¹⁹ Ele está falando isso pois mais uma vez as ideias de Martí contribuíram para seu pensamento. Martí era um defensor das classes que mais sofriam em sua época como os indígenas por exemplo. Nesse sentido ele afirma *“Com os oprimidos, devia-se fazer causa comum para consolidar o sistema oposto aos interesses e hábitos de mando dos opressores.”*²⁰ Para ele essas classes oprimidas representavam o povo e por terem sofrido tantas injustiças ao longo do tempo ele acreditava na força transformadora que o mesmo possuía. Fidel tal como Martí também acredita no povo como agente revolucionário e por isso não se omite em atribuir importância à ele.

Ainda em seu discurso, Fidel realiza de forma ainda incipiente uma primeira crítica ao imperialismo e ao capitalismo de uma forma geral. Ao tratar da situação da divisão de terras em Cuba ele afirma

“Mais da metade das melhores terras cultivadas está em mãos estrangeiras. Em Oriente, que é a província mais larga, as terras da United Fruit Company e da West Indian unem a costa norte com a costa sul. Há 200 mil famílias camponesas que não possuem um palmo de terra onde semear culturas para alimentar seus filhos famintos. No entanto, permanecem incultas, em mãos de interesses poderosos, cerca de 300 mil *caballerías* de terras produtivas.”²¹

Dessa forma, Castro está denunciando um problema muito antigo em Cuba, que remonta aos tempos coloniais: a enorme desigualdade na distribuição de terras. Além disso

¹⁸ CASTRO, Fidel. op.cit. p.39.

¹⁹ CASTRO, Fidel. ibid. p.35.

²⁰ MARTÍ, José. op.cit. p.24.

²¹ CASTRO, Fidel. op.cit. p.46.

ele ainda critica duas empresas norte-americanas que detêm uma quantidade enorme de terras, enquanto muitas famílias cubanas passam necessidades.

Indo além do problema da distribuição de terras, Fidel acreditava que era necessário que a ilha deixasse de ser apenas produtora de matéria-prima e se industrializasse por completo. No entanto segundo suas próprias palavras *“Mas os capitalistas exigem que os operários passem pelas horcas caudinas. O Estado cruza os braços, e a industrialização fica para as calendas gregas.”*²² Nesse sentido ele está fazendo uma dura crítica ao sistema onde o Estado parecia não se importar tanto em industrializar o país, e os capitalistas apenas interessados continuar os seus negócios já existentes para irem alcançando lucro.

Esses problemas relacionados à terra e a industrialização são alguns dos vários motivos que levaram Fidel a falar para sua audiência durante o seu julgamento que se a tomada do quartel de Moncada tivesse acontecido, ele e os seus companheiros de combate tinham a intenção de proclamar pela rádio cinco leis que atacassem os principais problemas da ilha: a volta da constituição de 1940, redistribuição de terras, participação dos operários em 30% do lucro das empresas, participação dos colonos em 55% do rendimento da cana e confisco dos bens de todos os envolvidos nos regimes anteriores que governaram a ilha.

Mas não são só os problemas de ordem econômica que chamam a atenção de Fidel. Pouco depois dessas críticas, ele toca no problema da educação. Naquele momento o sistema de ensino em Cuba ainda era muito precário e as escolas estavam longe de serem acessíveis para toda a população. Nesse sentido Fidel utiliza mais uma vez de Martí ao tratar desse problema. As frases de Martí que Fidel traz a tona diz *“O povo mais feliz é o que tiver seus filhos bem-educados, na instrução do pensamento e na direção dos sentimentos.”* E *“Um povo culto sempre será forte e livre.”* Castro entendeu a importância que a educação tinha para a população da ilha, e podemos perceber isso nos índices que medem a qualidade da educação nos países da América Latina onde Cuba nos anos 1990, ou seja, cerca de trinta anos após a chegada dos revolucionários ao poder, figurava entre as primeiras posições.

Ao tratar dos seus companheiros mortos em batalha, Fidel faz questão de lembrá-los com o objetivo de reconhecer seus esforços e não deixá-los cair no esquecimento. Para isso, ele recorre a ideia de Martí no qual o morrer pela Pátria não seria algo a se lamentar e muito menos seria o fim da vida, mas sim um sacrifício que coloca o morto em batalha num lugar de prestígio na História do país. Como disse o “Apóstolo”, segundo Fidel *“Há um limite ao*

²² CASTRO, Fidel. *ibid.* p.47.

pranto sobre as sepulturas dos mortos. É o amor infinito à pátria, e a glória que se vê sobre seus corpos, amor que não teme, não desespera, nem enfraquece jamais. Porque os túmulos dos mártires são o mais belo altar da honra”.

Em um determinado momento de seu discurso, Fidel denuncia o governo de Batista, afirmando que na verdade ele não se diferencia em nada dos governos anteriores da ilha e que na realidade o poder apenas foi transferido entre amigos. Nas palavras de Fidel “*Quantas afrontas fizeram o povo sofrer para que um grupelho egoísta que não sente pela pátria a menor consideração possa encontrar na coisa pública um modus vivendi fácil e cômodo.*”²³ Dessa forma ele está acusando o grupo de Batista e o próprio Batista de não ter o menor amor à Cuba, de não se importar com o seu país mas apenas têm o desejo de garantir uma vida boa para si próprio. Ora Martí em sua época já tratava de diferenciar dois tipos de homens que existiam no continente americano. Segundo ele

“Pois, quem é o homem? O que fica com a mãe, para lhe curar a enfermidade, ou o que a coloca para trabalhar onde não a vejam, e vive dos seus sustentos nas terras podres, com o verme como gravata, amaldiçoando o seio que o carregou, passeando o letreiro de traidor na parte de trás da casaca de papel?”²⁴

Martí está tratando de dois tipos de pessoas que existem na América, segundo seu pensamento: os que amam o continente, se importam com ele e lutam em sua defesa e os que apenas estão interessados em explorá-lo. Nesse sentido a “mãe” à qual Martí se refere corresponde à América e os “traidores” seriam os que a usam em detrimento de benefícios próprios.

Dessa forma podemos ver na fala de Fidel que Batista se encaixa nesses “traidores”, enquanto Fidel e os seus companheiros eram os que se importavam com Cuba e com a América de uma forma geral. Já Martí reforça esse pensamento em uma carta escrita em 1886 onde ao tratar de seu país de origem ele afirma “*É altar e não pedestal. Se serve a ela, mas não a toma para servir-se dela.*”²⁵

Já no final de sua defesa Fidel reforça ainda mais a importância de Martí para todo o pensamento dele e de seus companheiros. Primeiro, na tentativa de legitimar a ação feita naquele 26 de julho, Fidel remonta às palavras de Martí

²³ CASTRO, Fidel. *ibid.* p.85.

²⁴ MARTÍ, José. *op.cit.* p.14.

²⁵ MARTÍ, José. *Obras Completas*, t.1, p.96.

“Quando há muitos homens desonestos, há sempre outros que são portadores da dignidade da maioria. São estes os que se rebelam com força terrível contra os que roubam a liberdade ao povo, que é o mesmo que roubar dos homens sua dignidade. Esses homens são intérpretes de milhares de outros homens, de um povo inteiro, da dignidade humana.²⁶”

Assim, Fidel coloca a si mesmo e os seus companheiros como representantes do povo cubano visto que o regime de Batista era desonesto e piorava cada vez mais a situação da ilha. É interessante constatar como ele tenta buscar no principal intelectual cubano uma forma de legitimação para o seu empreendimento.

No encerramento de seu discurso Castro faz questão de ressaltar a importância que José Martí tinha para ele e seus combatentes, mas não apenas isso, ele ressalta como as ideias de Martí eram transcendentais e importantes para todo o povo cubano. Em suas palavras

“Parece que o Apóstolo morreria no ano de seu centenário, que sua memória se extinguiria para sempre, tamanha era a afronta! Mas vive, não morreu. Seu povo é rebelde, seu povo é digno, seu povo é fiel à sua lembrança. Há cubanos que caíram defendendo seus ensinamentos, há jovens que, em desagravo magnífico, vieram morrer junto à sua tumba, dar-lhe seu sangue e sua vida para que ele continue vivendo na alma da pátria. Cuba, que seria de ti se houvesse deixado morrer teu Apóstolo!²⁷”

Essa última passagem do discurso de Fidel é emblemática pois demonstra de uma forma emotiva a importância que Martí tinha para ele. As ideias do intelectual cubano penetraram fundo na mente de Castro e durante toda a sua defesa, os ideais de Martí se fazem presentes, seja de forma explícita ou implícita. Mas a realidade foi dura com os combatentes. Mesmo após esse discurso histórico que ficou conhecido como “A História me absolverá”, Fidel foi condenado. No entanto, dois anos depois foi solto e pôde voltar à luta revolucionária ainda mais forte e organizado fundando o MR-26 de Julho.

Realizando um pequeno salto temporal, da libertação de Fidel e seus companheiros em 1955 até o primeiro dia de 1959, podemos ver que os revolucionários estavam prestes a assumir o poder na ilha. O novo ano que estava começando reservava uma mudança drástica na história de Cuba até então. Mas apesar de em 1 de janeiro de 1959, os revolucionários do MR-26 de Julho ainda não estarem efetivamente no poder, Fidel entendendo que a vitória era iminente fez um discurso para a população.

²⁶ CASTRO, Fidel. op.cit. p.100.

²⁷ CASTRO, Fidel. ibid. p.100.

Nesse discurso Fidel está situando a população de como estava a ofensiva da guerrilha, com Che Guevara e outras lideranças avançando cada vez mais com suas tropas nas principais cidades da ilha. Além disso percebe-se uma preocupação logo no início do discurso de deixar claro ao povo de que a Revolução que estava prestes a se iniciar seria uma Revolução verdadeira, e não como as outras tomadas de poder ocorridas até então que apenas mudavam os personagens mas não alteravam o principal: a ordem. Com isso Fidel diz

“Esta vez, por fortuna para Cuba, la Revolución llegará de verdad al poder. No será como en el 95 que vinieron los americanos y se hicieron dueños de esto (Aplausos). Intervinieron a última hora y después ni siquiera dejaron entrar a Calixto García que había peleado durante 30 años, no quisieron que entrara en Santiago de Cuba (Aplausos). No será como en el 33 que cuando el pueblo empezó a creer que una Revolución se estaba haciendo, vino el señor Batista, traicionó la Revolución, se apoderó del poder e instauró una dictadura por once años. No será como en el 44, año en que las multitudes se enardecieron creyendo que al fin el pueblo había llegado al poder, y los que llegaron al poder fueron los ladrones. Ni ladrones, ni traidores, ni intervencionistas. Esta vez sí que es la Revolución.²⁸”

Dessa forma Fidel critica os principais acontecimentos políticos da história recente de Cuba, desde a participação norte-americana na luta pela independência até o golpe de 1944. Para ele nenhum desses acontecimentos pode ser caracterizado como Revolução pois o que ele entende por Revolução não é simplesmente a deposição de governos pela força mas sim uma alteração nas estruturas política, econômica e social.

Outro ponto importante que está presente nesse discurso mas que na verdade já aparece desde “A História me absolverá” é a ideia da soberania do povo. Fidel insiste nesse ponto, o que nos demonstra a importância que ele atribuía para tal ideia. Ao perguntar ao povo se estavam de acordo que Carlos Manuel Piedra -homem indicado por Batista para assumir a presidência da ilha quando o mesmo fugiu de avião na madrugada de ano novo- fosse o presidente de Cuba e o povo responder que não, Fidel então diz

“Aquí estamos, sencillamente, a las órdenes del pueblo. Lo legal en este momento es el mandato del pueblo. Al presidente lo elige el pueblo y no lo elige un conciliábulo en Columbia, a las 4:00 de la madrugada (Aplausos). El pueblo ha elegido a su presidente y eso quiere decir que desde este instante quedará constituida la máxima autoridad legal de la República (Aplausos).²⁹”

²⁸ Discurso pronunciado en el Parque Céspedes, de Santiago de Cuba, el 1ro de enero de 1959.

²⁹ *ibid.* 1959.

O presidente que Fidel diz que o povo elegeu foi na verdade Manuel Urrutia Lléo, advogado e combatente contrário ao regime de Batista assim como Fidel. Um pouco antes da fala acima, Fidel pergunta ao povo se estavam de acordo que Manuel Urrutia fosse eleito presidente e a maioria concorda. Nesse sentido podemos ver a ideia do povo como soberano nas decisões do país aplicada na prática.

Já no final Castro traz à tona uma frase de Martí para demonstrar à população o seu comprometimento com a Revolução. A frase diz “*Toda la gloria del mundo cabe en un grano de maíz*”³⁰. Com isso Fidel quer alertar que qualquer vitória é relativa pois se um dia os revolucionários colocassem seus desejos pessoais frente ao bem público de nada teria adiantado a Revolução. Com isso ele quer alertar que mesmo após a situação da ilha melhorar nem ele nem os outros revolucionários se deixarão levar por qualquer tipo de ganância e sempre serão fiéis aos ideais populares.

Um ano após esse discurso, ou seja com os revolucionários efetivamente no poder, a relação entre Cuba e Estados Unidos foi ficando cada vez mais turbulenta. Esse ponto já foi abordado anteriormente de forma rápida, no entanto agora se faz necessário um aprofundamento na compreensão dessa crise entre os dois países para entendermos seus importantes desdobramentos.

Desde a sua independência Cuba era ao mesmo tempo um país muito dependente do seu vizinho do norte. A exportação de açúcar -principal produto cubano, que representava mais de 80% das suas exportações- era direcionado principalmente para os Estados Unidos -cerca de 60%. Além disso as exportações de Cuba representavam cerca de 30% do seu PIB. Logo a ilha caribenha era fortemente dependente da venda de praticamente um produto e para apenas um país específico, visto que os países europeus não tinham necessidade desse produto pois sua produção era grande. Com a Primeira Reforma Agrária que desagradou em grande medida os interesses privados norte-americanos na ilha, os Estados Unidos começaram a enxergar o governo revolucionário como um potencial inimigo. Dessa forma eles começaram a ameaçar a suspensão da compra de açúcar, o que causaria um enorme estrago na economia cubana e levaria à uma possível queda do governo revolucionário. No entanto é importante termos em mente que nesse período os Estados Unidos estavam rivalizando com a União Soviética na Guerra Fria e apesar da crença por parte dos líderes norte-americanos de que os soviéticos tinham condições de assumir o lugar dos Estados Unidos na compra do açúcar

³⁰ *ibid.* 1959.

cubano e conseqüentemente se aproximarem de Cuba e espalharem o comunismo pela América, os estadunidenses não acreditavam que isso iria acontecer.

É em março de 1960 que o então presidente norte-americano Eisenhower aprova o Program of Covert Action Against Castro Regime que além de autorizar oficialmente a preparação e o treinamento de exilados cubanos para formarem uma guerrilha que tinha como objetivo combater o regime revolucionário, ainda permite a reavaliação das compras do açúcar cubano realizados pelos Estados Unidos. Nessa mesma época uma apreensão de um avião espião norte-americano no céu soviético fez a relação entre a União Soviética e Estados Unidos ficar ainda mais tensa. Com isso Khrushchev viu na aproximação com Cuba uma oportunidade de pressionar ainda mais os Estados Unidos visto que então o maior rival estadunidense estaria a pouca distância de seu território. Já para Fidel a União Soviética surgia como uma oportunidade de salvar sua economia do colapso ao comprar o seu açúcar. Dessa forma as relações entre os dois países - que tinha sido cortadas há décadas- volta a serem reestabelecidas.

Em julho os Estados Unidos anunciam o corte de praticamente toda a compra do açúcar cubano e Fidel, com o apoio da União Soviética, em resposta rápida desenvolve uma lei que permite a nacionalização das empresas norte-americanas na ilha. A escalada das tensões entre Cuba e Estados Unidos acabou sendo assunto principal na VII Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos realizada em agosto na Costa Rica. Os norte-americanos viram nesse evento uma oportunidade de convencer os países latino-americanos de um maior apoio no que dizia respeito ao seu embate com Cuba. A ideia era de convencer os países de que a questão de Cuba não era um problema apenas dos Estados Unidos mas de todo o continente principalmente, pela possibilidade da disseminação do comunismo soviético através de Cuba. Era esperado um posicionamento mais firme por parte dos outros países, o que não aconteceu. Apesar disso, desse encontro criou-se a Declaração da Costa Rica onde era afirmado o repúdio a qualquer tentativa soviética de levar o comunismo à qualquer país do continente. Além disso a unidade do continente também foi reforçada.

Isso levou Fidel à discursar para o povo cubano um mês após a reunião dos chanceleres. Adotando um tom forte, ele traz à tona uma ideia que se faz presente frequentemente em seus principais discursos: a soberania popular. Com isso ele já anuncia de início que aquele evento no qual ele estava discursando não seria apenas mais um discurso mas que na verdade aquilo se tratava de uma assembléia geral. Fidel vai direto ao ponto ao

tratar a Declaração da Costa Rica como fruto dos esforços dos Estados Unidos para espalhar a ideia de que a Revolução era uma ameaça ao continente. Dentre os vários pontos da Declaração criticado por Castro, um deles chama a atenção. Como ele mesmo diz

“Hay otro punto que dice: “...rechaza, asimismo, la pretensión de las potencias chino-soviéticas de utilizar la situación política, económica o social de cualquier estado norteamericano...” —claro, no mencionan a Cuba, pero se refieren a Cuba— “por cuanto dicha pretensión es susceptible de quebrantar la unidad continental, y de poner en peligro la paz y la seguridad del hemisferio”. “(...)Luego, nuestra respuesta a ese segundo punto, es que los únicos que han agredido a los pueblos de América Latina, los únicos que han quebrantado la unión de los pueblos de América Latina, y los únicos culpables del estado revolucionario que está teniendo lugar en Cuba, y tendrá lugar en América Latina, es el imperialismo yanqui”.³¹

Fidel critica a ideia de que União Soviética ou China representavam uma ameaça para o continente, e afirma que na verdade o grande causador da Revolução não foi a influência comunista desses dois países mas sim o imperialismo norte-americano, que poderia causar outras Revoluções em diferentes lugares do continente. Se os Estados Unidos enxergavam no comunismo o grande mal que poderia assolar e dividir o continente, Castro acusa o imperialismo de já o ter feito. Reforçando ainda mais a crítica ao imperialismo estadunidense, Fidel afirma

“¡Ah!, cómo van a hablar ahora, cómo van a hablar ahora de intromisión soviética, o cómo van a culpar a la República Popular China, si la única influencia que aquí veíamos todos los días, los únicos libros que aquí veíamos todos los días, las únicas películas que aquí veíamos todos los días, las únicas costumbres y las únicas modas, era todo proveniente de Estados Unidos; es decir que si aquí había un intruso, el intruso era el imperialismo yanqui, que trató de destruir nuestro espíritu nacional, que trató de destruir el patriotismo de los cubanos, que trató de destruir nuestra resistencia a la penetración de los intereses extranjeros.”³²

É interessante constatar que aqui Fidel está criticando o âmbito cultural do imperialismo norte-americano ao afirmar que em Cuba o que mais se via era filmes, costumes e “moda” norte-americana. Nesse momento onde as tensões entre seu país e os norte-americanos estavam em seu ápice até então, Fidel não poupa críticas às ações que os Estados Unidos cometeram no passado e que prejudicaram a ilha caribenha. Segundo suas palavras

³¹ Discurso pronunciado en la Magna Asamblea Popular celebrada por el pueblo de Cuba en la Plaza de la República, el 2 de septiembre de 1960.

³² *ibid.* 1960.

“Esa fuerza era la penetración imperialista de Estados Unidos en nuestra patria; esa fuerza fue la que frustró nuestra plena independencia;” “... Esa fuerza fue la que impidió que en nuestra patria se hubiera hecho una revolución antes. Y esa fuerza es la que nos trata de impedir que nosotros arreglemos a nuestro país ahora.”³³

Remontando à época de José Martí, Fidel coloca o imperialismo estadunidense como o obstáculo para a real independência Cubana em 1898. E ele está certo. Mas na realidade, Martí já observava inquietamente o perigo que os Estados Unidos e seu imperialismo representavam não só para Cuba mas para toda a América anos antes da ilha alcançar a independência. No seu escrito mais famoso, “Nossa América” escrito em 1891, ele deixa alguns registros desse temor. Ao tratar dos maiores perigos que a “América” poderia correr, ele diz

“Mas outro perigo corre, talvez, nossa América, que não lhe vem de si, mas da diferença de origens, métodos e interesses entre os dois fatores continentais, e é a hora próxima em que se aproxime dela, demandando relações íntimas, um povo empreendedor e pujante que a desconhece e a desdenha.”³⁴

Esse povo do qual Martí se refere, que desconhece e desdenha da América eram os norte-americanos, e ele está denunciando de forma bastante velada seu caráter imperialista ao retratar esse povo como “empreendedor”. Ele sempre criticou o imperialismo norte-americano de uma forma não explícita, por razões políticas. Além disso nessa frase fica bem nítida a separação do que ele chamava de “Nossa América” e dos Estados Unidos, do qual obviamente não estavam incluso nela por razões de origens e interesses distintos.

Em outro trecho o poeta afirma “(...)que o vizinho a conheça, a conheça logo, para que não a desdenhe.” “(...)Pelo respeito, assim que a conhecesse, tiraria dela as mãos.”³⁵ Dessa forma Martí afirma que se os Estados Unidos tivesse um maior conhecimento sobre a América e sua história colonial de exploração e sofrimento da população, os seus interesses expansionistas cessariam.

Com isso é possível ver que o anti-imperialismo de Martí têm alguma repercussão em Fidel, pois ao remontar ao período de independência para tratar do imperialismo norte-americano como obstáculo à Cuba, Fidel nos mostra que certamente leu os escritos de

³³ *ibid.* 1960.

³⁴ MARTÍ, José. *op.cit.* p.30.

³⁵ MARTÍ, José. *ibid.* p.32.

Martí nos quais o poeta expressa suas preocupações com o vizinho do norte. Esse passará a ser um ponto constante nos discursos de Castro visto que mesmo após tanto tempo Cuba continuava sofrendo com o imperialismo norte-americano. Ainda em seu discurso frente à população em setembro de 1960 essa ideia retornará com mais força.

Retornando a esse discurso, é interessante notarmos uma questão interessante que surge durante a fala de Fidel. Segundo ele, Cuba estava entrando pela primeira vez em sua História num período democrático. O que ele entendia por democracia segundo suas palavras era

“¡Democracia quiere decir gobierno del pueblo, por el pueblo y para el pueblo!” “ y esta sí que es una representación, porque aquí no hay “pucherazo”, ni hay fraude, ni hay voto comprado, ni hay sargento político, ni hay maquinaria, ni hay botella, ni hay nada; ¡esto sí es puro! (APLAUSOS.) Esta sí que es una democracia limpia de impurezas, limpia de impurezas, es una democracia verdaderamente “pasteurizada”.³⁶

A democracia para ele era mais do que apenas eleições para representantes. Democracia seria um governo no qual atende aos verdadeiros interesses da população, sem corrupção no sistema eleitoral ou qualquer ambição pessoal que pudesse deslegitimar o regime. Nesse sentido ele não vê a democracia de uma forma convencional, sendo um sistema onde o povo elege seus governantes por meio de eleições periódicas. Visto que a Cuba revolucionária não funcionava dessa forma, democracia para Fidel é um governo escolhido pelo povo e fiel à ele.

Já no final desse discurso Fidel sugere ao povo uma resposta à Declaração da Costa Rica. Com ampla aceitação, Fidel começa a ler o que ficou conhecido como Declaração de Havana -declaração feita por ele previamente à assembléia em andamento. Logo em sua primeira frase é dito “*Junto a la imagen y el recuerdo de José Martí (APLAUSOS)...*”³⁷ A invocação do Apóstolo logo no início da Declaração é simbólico pois demonstra a origem da base ideológica da Declaração. Com isso é natural que o anti-imperialismo seja uma das ideias centrais dessa Declaração. Em sua primeira crítica, Fidel lança mão não apenas da situação de Cuba mas também dos outros países da América Latina que vem sofrendo por muito tempo com os Estados Unidos. Em suas palavras

³⁶ op.cit.1960.

³⁷ ibid. 1960.

“La Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba condena enérgicamente la intervención abierta y criminal que durante más de un siglo ha ejercido el Imperialismo Norteamericano sobre todos los pueblos de América Latina; pueblos que más de una vez han visto invadido su suelo en México, Nicaragua, Haití, Santo Domingo o Cuba; que han perdido ante la voracidad de los imperialistas yankis extensas y ricas zonas, como Tejas, centros estratégicos vitales, como el Canal de Panamá, países enteros, como Puerto Rico, convertido en territorio de ocupación; que han sufrido, además, el trato vejaminoso de los infantes de marina, lo mismo contra nuestras mujeres e hijas que contra los símbolos más altos de la historia patria, como la efigie de José Martí.”³⁸

Nessa fala Castro está condenando principalmente o caráter político do imperialismo estadunidense ao tratar das regiões anexadas de outros países do continente americano. Fidel ainda vai além e evoca figuras de extrema importância na História dos mais variados países da América para contrapor-los à política norte-americana no continente. Como ele afirma

“Esa intervención, afianzada en la superioridad militar, en tratados desiguales y en la sumisión miserable de gobernantes traidores, ha convertido, a lo largo de más de cien años, a nuestra América, la América que Bolívar, Hidalgo, Juárez, San Martín, O’Higgins, Sucre, Tiradentes y Martí, quisieron libre, en zona de explotación, en traspasamiento del imperio financiero y político yanqui, en reserva de votos para los organismos internacionales, en los cuales los países latinoamericanos hemos figurado como arrias del “Norte revuelto y brutal que nos desprecia” (APLAUSOS).”³⁹

Demonstrando um profundo conhecimento da História do continente, ele traz à tona figuras que em alguma medida lutaram pela liberdade em seus respectivos períodos. A última frase “Norte revuelto y brutal que nos desprecia” é provavelmente a crítica mais explícita que Martí fez aos Estados Unidos. Mais uma vez Fidel está contrapondo a liberdade da qual desde a época dessas figuras antigas muitos lutam para conquistá-la com a política intervencionista e dominadora dos norte-americanos.

Castro ainda condena o chamado “panamericanismo”, o que ele considera ser apenas uma estratégia norte-americana para garantir seus interesses no continente. Ao invés disso ele propõe que seja seguido uma nova diretriz

“Por ello, frente al hipócrita panamericanismo que es solo predominio de los monopolios yankis sobre los intereses de nuestros pueblos y manejo yanqui de gobiernos posternados ante Washington, la Asamblea del Pueblo de Cuba proclama el latinoamericanismo liberador que late en José Martí y en Benito Juárez (APLAUSOS). Y, al extender la amistad hacia el pueblo norteamericano —el pueblo de los negros linchados, de los intelectuales perseguidos, de los obreros forzados a

³⁸ *ibid.* 1960.

³⁹ *ibid.* 1960.

aceptar la dirección de gangsters—, reafirma la voluntad de marchar ‘con todo el mundo y no con una parte de él’⁴⁰

Para Fidel, os ideais martianos de liberdade e justiça social eram os que deveriam predominar em todos os países do continente e não os interesses de seu vizinho do norte. É interessante constatar também que ele não condena o povo dos Estados Unidos, pelo menos não o que ele considera o “verdadeiro” povo: os oprimidos pelo sistema estadunidense como os negros, trabalhadores, etc. Aqui é importante termos em mente que Fidel era contrário às classes dirigentes que alternavam no poder norte-americano e promoviam sua política de intervenção nos outros países e não exatamente contra todo o povo norte-americano.

Outra ideia que Fidel traz à tona novamente na Declaração é o seu ideal de democracia. Como ele mesmo reforça

“La Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba, expresa la convicción cubana de que la democracia no puede consistir sólo en el ejercicio de un voto electoral, que casi siempre es ficticio y está manejado por latifundistas y políticos profesionales, sino en el derecho de los ciudadanos a decidir, como ahora lo hace esta Asamblea General del Pueblo de Cuba, sus propios destinos. La democracia, además, sólo existirá en América cuando los pueblos sean realmente libres para escoger, cuando los humildes no estén reducidos —por el hambre, la desigualdad social, el analfabetismo y los sistemas jurídicos—, a la más ominosa impotencia.”⁴¹

Aqui ele vai além em sua concepção de democracia afirmando que para se alcançar o mais pleno Estado democrático se fazia necessário a superação dos problemas sociais que impediam as classes mais baixas da sociedade de exercerem seus direitos.

Para encerrar Fidel coloca em votação a aprovação de tal Declaração, que obtem amplo apoio popular dos presentes. A Declaração de Havana é marcadamente anti-imperialista e um esforço dos revolucionários de darem uma resposta à altura em relação à Declaração da Costa Rica. A centralidade de Martí está presente desde o início e vai até o final, com o seu caráter anti-imperialista e a favor dos países latino-americanos.

Dito tudo isso, a vontade norte-americana era notadamente derrubar Castro do poder porém isso era algo que não poderia ser feito de forma direta pois ele tinha certa popularidade entre os povos da América Latina e também dentro da própria Cuba. Para tal fato ocorrer, seria necessário mais uma longa intervenção norte-americana na ilha pois caso apenas o tirassem do poder, novas insurreições populares para tomar o poder iriam ocorrer. No entanto uma nova intervenção nessa época estava descartada devido à geopolítica do continente. Por

⁴⁰ *ibid.* 1960.

⁴¹ *ibid.* 1960.

isso o governo norte-americano adotou diversas estratégias. Uma delas foi acusar Fidel e os revolucionários de trair os reais ideais da Revolução. Isso visava enfraquecer internamente o governo revolucionário, porém acabou não surtindo efeito. Outra das estratégias usadas pelos norte-americanos foi dar prosseguimento ao treinamento de milícias para derrubar o regime de Castro. Foi inclusive elaborado um plano em que aproximadamente 600 homens iriam desembarcar no litoral da ilha e tinham como objetivo conquistar um pedaço do território e ali reunir todos da ilha que estavam insatisfeitos com a Revolução para se organizarem e lutarem juntos para o fim do regime. Dessa forma, a intervenção norte-americana ocorreria quando os dois grupos estivessem se enfrentando, com o pretexto de pacificar a região e ajudar os rebeldes.

No final de 1960, John F. Kennedy vence as eleições para presidente dos Estados Unidos e dá continuidade ao treinamento das milícias, e além disso começa a ser planejado o assassinato de Fidel Castro por um dos líderes da máfia que supostamente conseguiria ter acesso à ele. Para Kennedy o plano da derrubada do regime de Castro deveria ser muito bem pensado, pois em sua percepção os novos governantes cubanos não poderiam fazer com que as condições da ilha voltassem a ser como eram antes de 1959. Kennedy entende que a Revolução foi um marco para Cuba e que o povo não aceitaria mais retornar ao estágio crítico do qual ele era submetido. As alterações feitas por Fidel, ainda que em pouco tempo no poder, tinham deixado marcas irreversíveis para o povo. Com isso ele propõe que o governo pós-Castro que assumisse o poder da ilha fosse um governo moderado, que reconhecesse algumas medidas tomadas pelos Revolucionários mas que ao mesmo tempo estivesse alinhado com os interesses norte-americanos.

No ano de 1961 as relações entre Cuba e Estados Unidos vai de mal a pior. Na realidade, em janeiro deste ano as relações entre os dois países é oficialmente rompida por parte dos norte-americanos que foram acusados de espionagem em sua embaixada em Havana. Sendo a situação de Cuba uma situação delicada, os Estados Unidos inicialmente queriam o apoio de outros países da América para a operação que estava sendo planejada contra Cuba. Por isso, apesar do “fracasso” -chamado assim pelas lideranças norte-americanas- da VII Conferência de Consulta dos Chanceleres americanos no ano anterior, Kennedy vai à América do Sul tentar mobilizar os países na questão de Cuba, no entanto mais uma vez não têm sucesso.

Os contra-revolucionários que estavam em Cuba, e que não eram os que estavam sendo treinados pelos Estados Unidos, estavam cada vez mais sendo presos e mortos pelo regime revolucionário. Já os que estavam sendo treinados pelos norte-americanos na Guatemala, elaboraram um programa para quando chegassem no poder. Seriam eleitos entre eles, quinze membros para o chamado Conselho Revolucionário e estes se tornariam membros do governo assim que assumissem o poder. Algumas das medidas mais importantes a serem tomadas por eles era a dissolução das milícias e a devolução de praticamente todas as propriedades nacionalizadas pelo regime de Castro.

Em relação ao ataque das forças contra-revolucionárias contra Cuba, nunca houve um consenso entre as principais autoridades norte-americanas. O risco a ser corrido era alto pois caso o ataque fracassasse poderia desmoralizar os Estados Unidos frente ao mundo e consequentemente abalar todo o sistema de alianças e tratados feitos. No entanto isso só aconteceria se a participação norte-americana fosse ampla e pudesse ser comprovada. Por isso, o presidente Kennedy tinha uma preocupação muito grande em limitar ao máximo a participação das Forças Armadas norte-americanas na operação. A sua intenção era fazer com que a operação dos contra-revolucionários parecesse algo que tivesse se iniciado dentro de Cuba, sem participação internacional.

Em contrapartida, existiam autoridades estadunidenses que eram a favor do cancelamento da operação. Para eles, tal plano era arriscado demais e em sua visão não valia a pena colocar o prestígio dos Estados Unidos em perigo. Na verdade o próprio presidente Kennedy adotava uma postura ambígua em relação ao plano, pois demonstrava em determinados momentos que não era a favor do ataque. No entanto depois de meses treinando os exilados cubanos, era muito perigoso cancelar esse plano pois caso isso fosse feito os contra-revolucionários certamente contariam ao mundo que passaram meses sob treinamento dos Estados Unidos com o objetivo de derrubar o regime de Castro. Dessa forma Kennedy preferiu assumir o risco do que ter a certeza de que com o cancelamento os Estados Unidos se envolveriam em uma complicada situação.

Decidido pela realização do ataque, o que era de fundamental importância para o seu sucesso era o fator surpresa. Os contra-revolucionários que estavam no exterior chegariam pela costa cubana e ao mesmo tempo os contra-revolucionários que viviam em Cuba deveriam começar uma série de protestos e ataques simultâneos pela ilha para desviar a atenção de seus companheiros vindo de fora. Durante esses acontecimentos estava planejado o assassinato de

Fidel Castro. Entretanto o que as lideranças norte-americanas não contavam era que próximo do dia combinado para o ataque, a imprensa norte-americana divulgou o plano e com isso o fator surpresa acabou visto que o mundo todo passou a saber.

Dessa forma o governo revolucionário prendeu muitos contra-revolucionários na ilha, o que acabou frustrando as tentativas dos exilados em desviar a atenção. Além disso o assassinato de Fidel Castro também não se concretizou. Com isso, mesmo que o ataque tenha sido alguns dias adiado devido à esses acontecimentos, quando em 17 de abril os contra-revolucionários desembarcam numa região costeira em Cuba conhecida como Baía dos Porcos, o governo revolucionário esmaga as forças anti-Castro. Não houve nem sequer a possibilidade das forças contra-revolucionárias tomarem uma parte daquele território e depois pedir ajuda aos Estados Unidos, como estava planejado originalmente. Cerca de dois dias depois de iniciada a invasão o governo cubano anuncia que venceu os ataques dos exilados.

Durante a operação, conforme foi se mostrando cada vez mais difícil para os contra-revolucionários se manterem na ilha, algumas autoridades estadunidenses acreditaram que o presidente Kennedy autorizaria uma participação direta das Forças Armadas norte-americanas no conflito. No entanto isso não aconteceu pois dentre os principais motivos estava o receio de que como forma de retaliação, a União Soviética atacasse Berlim Ocidental. Dessa forma, sem apoio direto do exército norte-americano, os contra-revolucionários caíram rapidamente em batalha.

Um aspecto importante de se levar em conta que diz respeito às características dos contra-revolucionários era sua origem. Em grande parte esse grupo era composto por cubanos de classe alta, que foram diretamente afetados pelas transformações sociais que a Revolução estava trazendo como a Reforma Agrária por exemplo. Logo esse grupo estava alheio aos interesses da maioria da população cubana. Na verdade a população da ilha nessa época apoiava imensamente Fidel e já estava sentindo em pouco tempo alguns dos efeitos de suas medidas de caráter popular. Com isso o apoio popular aos contra-revolucionários era algo do qual eles de fato não poderiam contar.

Pouco tempo depois do ataque mal-sucedido Fidel acusa a participação norte-americana no evento pois teria sido encontrado o cadáver de um piloto norte-americano que teria dado auxílio aos contra-revolucionários. Sem ter muita alternativa, Kennedy assume a participação norte-americana no ataque e impõe aos Estados Unidos, junto à Guerra do Vietnã, uma das suas principais derrotas internacionais.

Alguns meses depois, no feriado do 1º de maio daquele mesmo ano Fidel fez um discurso em praça pública comentando sobre o acontecimento da Baía dos Porcos. Ele faz duras críticas aos Estados Unidos que tinham tentado de alguma forma passar a ideia de que os aviões que deram suporte aos contra-revolucionários em Cuba eram na verdade aviões cubanos e não norte-americanos. Ele denuncia enfaticamente essa estratégia de tentar isentar aquele país dos ataques e conseqüentemente passar uma visão errada do acontecimento para a comunidade internacional. Ao se referir aos soldados do exército cubano, Fidel diz

¿Qué habría sido de ellos, si el imperialismo hubiese tan siquiera establecido una cabeza de playa en nuestro territorio? ¿Qué habría sido de ellos, de sus hijos, y de sus esposas, y de sus hogares, si el agresor imperialista hubiese podido sentar plaza, apoderarse de un pedazo de nuestro territorio, y desde allí, con sus aviones yankis, con sus bombas yankis, con sus bombas de napalm, su explosivo y su metralla, hubiesen podido iniciar una guerra de desgaste contra nuestra nación; y encima de la agresión económica, del bloqueo a nuestras exportaciones, de la supresión de nuestras cuotas, del embargo a todo tipo de exportación de piezas de repuesto o de materia prima a nuestro país, en medio de todas las dificultades que la agresión económica imperialista nos plantea, hubiésemos tenido que afrontar al mismo tiempo un bombardeo casi diario de nuestras líneas de comunicaciones, de nuestro transporte, de nuestros centros de producción y de nuestras ciudades?”⁴²

Desse modo Fidel está denunciando exatamente o plano dos contra-revolucionários que foi vazado pela imprensa e colocando uma grande responsabilidade por esse ataque nos Estados Unidos, visto que esse seria uma tentativa por parte dos norte-americanos de derrubarem o regime revolucionário e com o novo governo garantir os seus interesses imperialistas na ilha.

No início do discurso Fidel faz questão de exaltar a Revolução, contrapondo o que antes era Cuba -um país governado por poucos e para poucos- com a Cuba Revolucionária que tinha se transformado num país de todos. Segundo suas palavras

“Aquí se acostumbraba hablar mucho de patria por parte de una serie de señores que tenían un concepto muy raquítico de lo que es o debe ser la patria. Y siempre estaban hablando de la patria, y estableciendo la obligación y el deber de defender la patria. Pero, ¿qué patria? ¿La patria de unos pocos? ¿La patria de un puñado de privilegiados? ¿La patria donde un señor tiene 1 000 caballerías de tierra y tiene tres casas, mientras otros viven en la guardarraya en un miserable bohío? (APLAUSOS) ¿A cuál patria, señor, se refería usted? ¿La patria donde unos pocos tienen todas las oportunidades y unos pocos se apropian del trabajo de todos los demás, o la patria del

⁴² Discurso pronunciado resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.

hombre que no tiene ni siquiera un trabajo, la patria de la familia que vive en un barrio de indigentes, la patria del niño hambriento y descalzo que pide limosnas por las calles? ¿A qué patria se referían y qué concepto era ese de la patria? ¿La patria que era propiedad de unos pocos con exclusión de toda la oportunidad y de todo beneficio para el resto del país, o la patria de hoy, donde nos hemos ganado el derecho a dirigir nuestro destino, donde nos hemos ganado el derecho a construir el futuro que necesariamente tendrá que ser mejor que el presente? Pero la patria donde no podrá decirse más que sea propiedad de unos cuantos, que sea para disfrute de unos cuantos; la patria que será de ahora en adelante y para siempre como la quería Martí, cuando dijo: "con todos y para el bien de todos" (APLAUSOS). Y no la patria' de unos cuantos y para el bien de unos cuantos. La patria como será en el futuro y para siempre, en que dejará de existir esa injusticia en que unos pocos lo tenían todo y casi todos no tenían nada".⁴³

Ao citar Martí, Fidel está trazando a ideia do “Apóstolo” de que para um país superar o seu estágio de subdesenvolvimento e se tornar um país digno era necessário que todos -dos mais ricos aos mais pobres- fossem abarcados e que ninguém fosse deixado à margem. Um problema que então remonta à um período muito antigo não só em Cuba como em toda a América. Como denúncia desse mesmo problema, o “Apóstolo” diz *“Se tem feito a revolução intelectual da classe alta: eis aqui tudo. E disto veio mais males que bens”*⁴⁴.

Castro ainda estende essa crítica aos Estados Unidos pois segundo ele os governantes norte-americanos não governam para o seu povo -principalmente devido à questão da segregação étnica. Fidel ainda vai além ao negar que Cuba represente uma ameaça aos Estados Unidos ou a qualquer país da América. Na verdade segundo seu pensamento, a maior ameaça que o continente enfrentava naquele momento era o próprio Estados Unidos. Por isso ele diz

“Porque ellos dicen que un régimen socialista aquí atenta contra su seguridad. No, lo que atenta contra la seguridad del pueblo de Estados Unidos es la política agresiva de los guerrilleros de Estados Unidos; lo que atenta contra la seguridad de la familia y del pueblo de Estados Unidos son esos exabruptos, es esa política agresiva, esa política desconocedora de la soberanía y de los derechos de los demás pueblos. Quien está atentando contra la seguridad de Estados Unidos es Kennedy con esa política agresiva, porque esa política agresiva sí puede dar lugar a una guerra mundial, y esa guerra mundial sí puede costar la vida a decenas de millones de norteamericanos.”⁴⁵

Nesse sentido ao citar explicitamente o presidente norte-americano, Fidel está atribuindo a culpa a ele diretamente. Graças a política externa dos Estados Unidos a culpa

⁴³ ibid. 1961.

⁴⁴ MARTÍ, José. Obras completas, t.21, p.178.

⁴⁵ op.cit. 1961.

seria de seu vizinho do norte caso ocorresse um conflito futuro entre os dois países, que não envolveria somente eles dois mas também outros países como a União Soviética devido ao contexto da Guerra fria. Por causa disso, logo depois dessa fala Fidel reforça o imperialismo norte-americano como o grande perigo para a paz não só do continente mas mundial

“Por eso repetimos que la Revolución Cubana con su obra no pone en peligro la vida de un solo ciudadano norteamericano. En cambio, el imperialismo sí ha puesto en peligro la vida de muchos ciudadanos nuestros; el imperialismo sí ha introducido aquí metralla, fósforo vivo, armas; sí ha alentado aquí a los terroristas, a los contrarrevolucionarios, a los asesinos; ha bombardeado a nuestras ciudades, ha desembarcado expediciones de mercenarios en nuestras costas que sí nos han costado vidas. Mientras no le ha costado la vida a ningún ciudadano norteamericano las obras buenas de la Revolución, las obras malas del imperialismo sí han costado ya la vida de decenas de nuestros compatriotas y ha costado luto en nuestros hogares. Esa es la pura y estricta verdad.”⁴⁶

Já no final de sua fala, Fidel remonta à uma ideia que constantemente se faz presente em seus discursos e que é muito importante para ele: a democracia. Como já visto anteriormente a democracia entendida por Fidel foge da ideia convencional de democracia muito ligada a escolha dos representantes e dos governantes do país através do voto popular. Nesse momento onde a Revolução está em sua fase voluntarista, a ideia de democracia entendida por Fidel aparece como resultado disso. Nas palavras dele

“¿Puede algún gobierno de América, puede preciarse de más democrático que el Gobierno Revolucionario cubano?, ¿de mayor apoyo del pueblo que el Gobierno Revolucionario cubano?, ¿y puede concebirse una forma de democracia más directa que esta? ¿Y por qué la democracia tiene que ser la democracia pedante y falsa de la politiquería y de la compra de votos, y no ser en cambio democracia esta expresión directa de la voluntad del pueblo expresada una y mil veces, todos los días y constantemente derramando su vida; no yendo a un colegio electoral a rayar allí un nombre de un politiquero, sino yendo a morir como fueron a morir los hombres del pueblo, los hombres humildes del pueblo, combatiendo contra los tanques y contra las armas yankis?”⁴⁷

Dessa forma a democracia que Cuba estava vivendo seria a autêntica, enquanto que o sentido convencional está suscetível à erros dos corruptos. Com isso ao encerrar seu discurso, Fidel faz duras críticas à ação dos Estados Unidos em relação à Cuba e seu imperialismo. É

⁴⁶ *ibid.* 1961.

⁴⁷ *ibid.* 1961.

simbólico no entanto, sendo esse um discurso que teve como tema principal o recente ataque à Baía dos Porcos, que Fidel termine sua fala invocando a Declaração de Havana.

2.2 A questão da América Latina

Além do Anti-imperialismo, Martí e Fidel têm outra preocupação em comum que é o continente no qual viviam, ou seja, a América. Ainda que possuam diferenças no grau de importância e em como enxergavam o assunto, essa questão se faz presente com certa constância em seus escritos e discursos. Essa América do qual ambos estavam preocupados é o que conhecemos hoje por América Latina. Entretanto nem sempre essa parte do continente foi chamada assim. Como ambos viveram em períodos históricos diferentes, é natural que esse conceito tenha sofrido modificações com o passar do tempo. Com isso é necessário primeiro entendermos o que representava a América Latina na época de Martí e depois compará-la com o seu significado no período de Fidel.

O conceito de América Latina nasce no século XIX num momento onde os Estados Unidos passam a ser conhecidos como “a América” deixando o restante do continente de fora dessa ideia. É então que na França aparece a ideia de América Latina nos escritos de dois sul americanos na década de 60. Esse novo conceito pretendia abarcar os países ao sul dos Estados Unidos no continente. Em 1864 Carlos Calvo, um jurista argentino, publica na França a primeira obra acadêmica que utiliza tal conceito. A finalidade dessa obra era de demonstrar aos europeus o continente americano, visto que ainda nessa época a imagem de continente atrasado e selvagem permanecia no imaginário europeu. É nessa obra também que é reconhecido nos países ao sul dos Estados Unidos a sua “latinidade”. Já em 1865 o colombiano Caicedo -também na França- descontente com o panamericanismo seguido pelos Estados Unidos, propõe a criação de uma espécie de liga latinoamericana. No entanto essa ideia acabou não tendo continuidade.

Alguns problemas relacionados ao conceito são interessantes de serem abordados como foi feito no artigo de Dilma Castelo Branco Diniz⁴⁸. A ideia de reunir uma variedade de países em um mesmo conceito pode ser problemática pois com isso parece que todo esse conjunto de países são homogêneos quando na verdade a diversidade -em diversos aspectos- entre eles é enorme. Outra questão é o que poderia ser considerado América Latina. A ideia por trás desse conceito é de que esses países têm uma origem latina, ou seja, sua colonização foi feita por países herdeiros da Roma Antiga. Com isso, o Canadá também deveria entrar nesse conjunto pois a região de Quebec teve colonização francesa. No entanto não é isso que acontece. Por outro lado, se é aceito que a América Latina é tudo o que não é América do Norte, então o México também não estaria incluso nesse conceito pois ele está na parte norte do continente. No entanto o México teve colonização espanhola, o que supostamente provaria a sua origem latina. E hoje, ele é incluído entre os países latino-americanos.

É importante levar em consideração que a ideia de América Latina surge não somente para diferenciar geograficamente os Estados Unidos dos seus vizinhos do sul, mas também como uma forma de diferenciá-los culturalmente. Tendo sido colonizados por países distintos e de formas distintas, esse conceito serve como divisor da cultura anglo-saxã em relação à cultura hispano-lusitana presente no continente.

No entanto durante o século XIX o conceito de América Latina foi rejeitado por muitos intelectuais “latino-americanos”. Um deles foi José Martí. Em nenhum de seus escritos ele usou o termo pois para ele essa ideia tinha muitos problemas. A ideia de “latinidade” foi uma ideia que estava fortemente associada à Roma Antiga, à Igreja Católica e a monarquia. Com isso essa “latinidade” era notadamente autoritária, anti-liberal e anti-republicana. Ou seja essa ideia era exatamente o oposto do que a maioria dos intelectuais do século XIX defendiam. Além disso ao tratar essa América como latina, isso remontava ao passado colonial de dominação espanhola -algo que o próprio Martí lutava contra. Para Martí a América jamais poderia ser latina, pois em sua visão os europeus “latinos” foram os invasores no continente, a América era originalmente indígena e não européia.

A questão indígena era uma preocupação de Martí em relação à América da qual ele dedicou significativa atenção em seus escritos. Em sua concepção o indígena não era valorizado e isso acabava atrapalhando o desenvolvimento do continente. Como ele mesmo

⁴⁸ DINIZ, Dilma Castelo Branco. O conceito de América Latina: Uma visão francesa. Caligrama. Belo Horizonte, 2007.

diz “*Não se vê que do mesmo golpe que se paralisou o índio, paralisou-se a América? E até que não se faça andar o índio, não começará a América a andar bem.*”⁴⁹ Apesar de ainda partilhar de algumas ideias pré-concebidas em relação aos índios, Martí tinha uma preocupação em valorizar o verdadeiro dono do continente americano. Isso não significa no entanto que ele era totalmente contra os europeus, na verdade Martí apenas queria atribuir a visibilidade e o reconhecimento que os indígenas mereciam na formação do continente assim como ressaltar sua importância e necessidade para a América.

Em outros de seus escritos Martí afirma “*a melhor revolução será aquela que se fizer no ânimo teimoso e tradicionalista dos índios.*”⁵⁰ Dessa forma a “latinidade” seria algo exterior ao continente, trazido pelos europeus e com isso não se podia caracterizar a América como latina. Para Martí a América era mestiça e não européia.

Além dessa questão referente à identidade, Martí desenvolveu ainda mais ao longo do tempo seus pensamentos acerca da América. Como prova de que esse era um assunto central para ele, seu escrito mais famoso ficou chamado de “Nossa América”. Por esse título já podemos ter noção do conteúdo de tal escrito. É nele que Martí traz a ideia de união entre os povos americanos possibilitando dessa forma coexistir em pé de igualdade com as nações industrializadas que estavam cada vez mais se expandindo graças ao imperialismo. Em suas palavras

“Os povos que não se conhecem têm que se apressarem para se conhecerem, como os que vão lutar juntos. Os que se mostram os punhos, como irmãos ciumentos que querem os dois a mesma terra, ou de casa pequena que têm inveja do que a casa melhor, devem encaixar as duas mãos como se fossem uma. (...) Já não podemos ser o povo de folhas, que vive no ar, com a copa carregada de flor, estalando ou zumbindo, segundo a acaricie o capricho da luz, ou a surrem e cortem as tempestades; as árvores deverão se colocar em fileira para que não passe o gigante das sete léguas! É a hora da apuração e da marcha unida, e temos que andar em quadrado apertado, como a prata nas raízes dos Andes.”⁵¹

Como já foi dito anteriormente, essa união proposta de Martí em nada tem a ver com uma união política entre os países, mas sim uma união em relação às ideias e ações. A ideia de Martí é que os países da América deixem de lado suas diferenças e que pensem da mesma forma, por um objetivo comum que é o fortalecimento do continente.

⁴⁹ MARTÍ, José. Obras completas. t.8. p.336-337.

⁵⁰ MARTÍ, José. Obras completas. t.7. p.163.

⁵¹ MARTÍ, José. op.cit. p.12-13.

Além disso o “Apóstolo” ainda critica a forma pela qual os governos das repúblicas americanas vêm sendo governadas, sendo meros reprodutores das ideias européias. Martí defende que os países americanos deveriam encontrar ideias e soluções próprias para os seus problemas e não buscar no exterior algo para reproduzirem. Isso ocorreria pois segundo ele os governantes desses países pouco sabiam de sua própria História, possuindo um conhecimento muito maior acerca da História européia. Em relação à isso, ele diz

“Conhecer é resolver. Conhecer o país e governá-lo conforme o conhecimento é a única forma de livrá-lo das tiranias. A universidade européia há de ceder à universidade americana. A história da América, dos Incas, até aqui, tem que ser ensinada em detalhes, embora não se ensine a dos arcontes da Grécia. Nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. É mais necessária para nós.”⁵²

Nesse sentido ele está priorizando o ensinamento da História do continente americano em relação ao europeu. Uma ideia de fato bastante inusitada para o período visto que até hoje existem debates em relação a essa questão. Apesar disso Martí entende que a época na qual ele está escrevendo é um período onde muitos do continente estão entendendo a importância de terem ideias originais e não importadas. Se referindo à essas pessoas, ele diz “*Compreendem que se imita em demasiado e que a salvação está em criar. Criar é a palavra de senha desta geração.*”⁵³

Inserido no contexto de luta pela independência cubana, Martí estava claramente preocupado com a sua nação ao desenvolver essas ideias. Para ele inclusive Cuba seria o modelo de país a ser seguido pelos outros do continente, pois ele acreditava que com a independência as suas ideias de igualdade e justiça poderiam ser colocadas em prática e com isso se espalhasse para outros países. A partir disso é que a união entre as nações do continente poderia acontecer. No entanto, apesar de sua clara preocupação com a situação de sua terra natal, sua visão é mais abrangente do que isso pois ele claramente está pensando também no futuro do continente americano.

A ideia de América Latina foi sofrendo alterações ao longo do tempo. No século XX, principalmente durante e após a Segunda Guerra Mundial, ela ganha uma nova representatividade com alguns estudos de norte-americanos sobre a cultura e a economia dessa parte do continente. A verdade é que o conceito de América Latina nunca teve um tom

⁵² MARTÍ, José. *ibid.* p.20-21.

⁵³ MARTÍ, José. *ibid.* p.28.

virtuoso porém é durante o século XX que essa aparência negativa do continente vai ficar ainda mais forte. Héctor Bruit discutindo o significado de América Latina diz

“Entretanto, a expressão América Latina se difunde intimamente associada ao conceito de subdesenvolvimento que aparece na década de cinquenta. Então, América Latina passa a ser sinônimo de instabilidade política crônica; estrutura produtiva atrasada e em certos casos arcaica; dependência total ao capital norte-americano; estrutura fundiária reorganizada pelo capital monopólico; acentuado crescimento demográfico. São estes processos concretos, próprios do século XX, que deram conteúdo histórico à idéia de América Latina”.⁵⁴

Dessa forma o conceito passa a estar intimamente associado com os problemas de ordem econômica que os países dessa parte do continente enfrentavam desde o século anterior e a ideia de “periferia” do mundo desenvolvido vai ficando cada vez mais implícita. Além disso as questões de ordem política também começam a ser ressaltadas ainda que de forma menor que as econômicas. A América Latina então a partir da segunda metade do século XX vai sendo cada vez mais símbolo do atraso, ao contrário da parte norte do continente que representava prosperidade e desenvolvimento.

É nesse momento também que o problema em relação à homogeneização implícita nesse termo começa a ser discutido por alguns intelectuais franceses. Um dos principais expoentes desse grupo foi Fernand Braudel que usa “Américas Latinas” para caracterizar aquela região. Ao levar o conceito para o plural, ele está reconhecendo a diversidade do continente.

Nesse contexto dos anos 50 não é estranho que Fidel esteja denominando essa parte do continente de América Latina, ao contrário do que muitos faziam no século anterior onde esse conceito vinha carregado de uma herança colonial. Nesse momento essa ideia de herança já não estava mais presente. Apesar do aspecto negativo que o conceito ainda carregava já não era mais possível fugir de seu uso. Ao contrário, para os interesses de Castro esse era um conceito fundamental pois retratava as condições precárias que a América ainda vivia. É então que podemos analisar qual era a importância da América Latina para Fidel Castro. Para isso se faz necessário inicialmente retornar à “A História me absolverá” e identificar o momento em que ele traz a questão à tona. Logo após ele falar ao tribunal as cinco leis que os revolucionários pretendiam adotar quando chegassem ao poder, ele diz

⁵⁴ BRUIT, Héctor. A invenção da América Latina. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), 2000.

“Além disso, a política cubana na América seria de estreita solidariedade com os povos democráticos do continente, e os perseguidos políticos pelas tiranias sangrentas que oprimem as nações irmãs não encontrariam, como hoje, na pátria de Martí, perseguição, fome e traição mas sim asilo generoso, fraternidade e pão. Cuba deveria transformar-se em baluarte da liberdade, e não em símbolo vergonhoso do despotismo.”⁵⁵

Desse modo ele está resumindo como seria a política externa cubana frente a América Latina: cooperação com as nações justas e acolhimento dos perseguidos pelas nações que tal como Cuba naquele momento, eram símbolo de opressão. Além disso é possível notar em sua última frase a ideia - ainda muito incipiente - de que Cuba deveria ser um modelo para as outras nações do continente.

Sendo uma defesa à fracassada tentativa de assumir o poder, Fidel estava mais preocupado em falar das questões internas do país, assim como denunciar o regime de Batista, do que na América Latina. Por isso em toda a sua defesa esse é o único momento em que ele remonta ao continente. No entanto isso não significa que o continente não importasse para Fidel, na verdade ao tratar desse assunto, ainda que de forma breve, ele demonstra que está em alguma medida atento aos outros países da América. É em 1959 no entanto que essa questão volta um pouco mais madura no discurso de Fidel. Ao discursar no primeiro dia do ano, quando os revolucionários estavam prestes a assumir o poder, ele afirma

“Los dominicanos han aprendido que es posible pelear contra la tiranía y derrotarla, y ese ejemplo es lo que más temían precisamente los dictadores, el ejemplo alentador para América que acaba de producirse en nuestra patria (Aplausos). Vela por el curso y el destino de esta Revolución la América entera. Toda ella tiene sus ojos puestos en nosotros. Toda ella nos acompaña con sus mejores deseos de triunfo. Toda ella nos respaldará en nuestros momentos difíciles. Esta alegría de hoy no solo es en Cuba, sino en América entera. Como nosotros nos hemos alegrado cuando ha caído un dictador en la América Latina, ellos también se alegran hoy por los cubanos.”⁵⁶

Assim Castro está deixando claro que a Revolução que estava prestes a se iniciar em Cuba não tinha importância somente para a ilha mas para todo o continente. Os cubanos teriam demonstrado a todos da América que era possível vencer os opressores, inimigos dos interesses do povo. Para ele os povos da América e não os seus governantes corruptos dariam

⁵⁵ CASTRO, Fidel. op.cit. p.45.

⁵⁶ op.cit. 1959.

total apoio à Revolução Cubana pois essa Revolução seria o desejo popular que muitos até então não acreditavam que era possível de ser realizado.

Nesse sentido é possível fazer uma comparação entre Martí e Fidel: a ideia de Cuba como exemplo para o continente que estava presente no “Apóstolo”, se faz presente também em Fidel. Se Martí acreditava que a independência cubana inspirasse as outras nações americanas a mudanças em sua ordem, Fidel também acreditava que a Revolução poderia influenciar outras lutas pela liberdade e justiça no continente. Se em 1954, a ideia de Cuba como paradigma ainda aparece de forma muito tímida é em 1959 que ela ganha substância e aparece como um verdadeiro legado martiano.

Um ano depois, no famoso discurso onde Castro condena a Declaração da Costa Rica e desenvolve a Declaração de Havana, a América Latina ganha ainda mais importância em sua fala. Aqui surge uma dimensão nova sobre este assunto. Em suas palavras

“Ya que dicen que somos nosotros los que nos estamos apartando de la familia norteamericana, nosotros les estamos diciendo que no, que los que se han apartado de la familia norteamericana, es decir, la familia latinoamericana, para asociarse al imperio yanqui explotador son los que fueron allí a Costa Rica, esos sí se están apartando de la familia latinoamericana, ¡nosotros no! Al contrario, nosotros queremos que nuestra familia, los pueblos de América Latina, se reúnan y digan la última palabra, porque esa sí es nuestra familia, ¡los pueblos de América Latina sí son nuestra familia!”⁵⁷

Ao tratar dos países latino-americanos como “família” Fidel está trazendo à tona uma ideia de unidade e solidariedade entre todo o continente. Mais uma vez, a ideia de Martí nesse trecho se faz presente pois Castro está sugerindo uma união quase que fraterna entre os povos latino-americanos, coisa que Martí também fazia em seu tempo. Esse caráter sentimental implícito em sua fala ajuda a opor a “família latino-americana” do imperialismo norte-americano.

Pouco depois, Fidel reforça mais uma vez a ideia de Cuba como paradigma para todo o restante da América. Como ele diz

“Nuestra patria pequeña representa hoy intereses que se salen de nuestras fronteras. ¡A nuestra patria pequeña le ha tocado el destino de ser el faro que ilumine a los millones y millones de hombres y mujeres igual que nosotros, que en la América sufren hoy lo mismo que nosotros sufríamos ayer! ¡Nos ha tocado ese destino glorioso y nosotros seremos una luz que no se apagará nunca, una luz que será cada

⁵⁷ op.cit. 1960.

día más brillante y cuyos reflejos llegarán cada día más lejos sobre las tierras de la América hermana”.⁵⁸

A Declaração de Havana por sua vez, tem um alto teor voltado para os latino-americanos. Isso se confirma desde o início onde é dito “*En nombre propio, y recogiendo el sentir de los pueblos de nuestra América, la Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba...*”⁵⁹ Ou seja, tudo que é dito a partir disso durante a Declaração, Fidel acredita estar em conformidade com o resto do continente. Nesse momento então ele não assume apenas o papel de porta-voz do povo cubano mas também de todos os povos latino-americanos. E isto faz sentido visto que essa Declaração é uma crítica forte ao imperialismo norte-americano, algo que não acontecia só em Cuba mas em muitos outros países. Para Castro os representantes dos países latino-americanos que ratificaram a Declaração da Costa Rica não poderiam ser jamais qualificados como verdadeiros representantes da vontade dos seus respectivos povos, pois segundo Fidel era inconcebível que os latino-americanos estivessem de acordo com a política expansionista do seu vizinho do norte.

O momento em que melhor expressa essa questão da América Latina na Declaração de Havana é quando Fidel afirma

“La Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba reafirma su fe en que la América Latina marchará pronto, unida y vencedora, libre de las ataduras que convierten sus economías en riqueza enajenada al imperialismo norteamericano y que le impiden hacer oír su verdadera voz en las reuniones donde cancilleres domesticados, hacen de coro infamante al amo despótico. Ratifica, por ello, su decisión de trabajar por ese común destino latinoamericano que permitirá a nuestros países edificar una solidaridad verdadera, asentada en la libre voluntad de cada uno de ellos y en las aspiraciones conjuntas de todos. En la lucha por esa América Latina liberada, frente a las voces obedientes de quienes usurpan su representación oficial, surge ahora, con potencia invencible, la voz genuina de los pueblos, voz que se abre paso desde las entrañas de sus minas de carbón y de estaño, desde sus fábricas y centrales azucareros, desde sus tierras enfeudadas, donde rotos, cholos, gauchos, jíbaros, herederos de Zapata y de Sandino, empuñan las armas de su libertad, voz que resuena en sus poetas y en sus novelistas, en sus estudiantes, en sus mujeres y en sus niños, en sus ancianos desvelados. A esa voz hermana, la Asamblea General Nacional del Pueblo de Cuba le responde (APLAUSOS): ¡Presente! Cuba no fallará. Aquí está hoy Cuba para ratificar, ante América Latina y ante el mundo, como un compromiso histórico, su dilema irrenunciable: Patria o Muerte.”⁶⁰

⁵⁸ *ibid.* 1960.

⁵⁹ *ibid.* 1960.

⁶⁰ *ibid.* 1960.

Com isso Fidel ,em certa medida, se aproxima cada vez mais de Martí ao propor uma América unida e seguindo seus interesses em comum. Para ele a voz do povo precisava ser ouvida em todo o continente e para isso ele garante que a Cuba revolucionária está pronta para ajudar os povos nessa tarefa. Apesar disso Castro entende que os países deveriam ter seus interesses particulares respeitados, no entanto o mais importante para ele era que os seus objetivos de uma forma geral estivessem alinhados.

Já em 1961 Fidel traz à tona algumas das ideias acerca da América Latina que já vinha anteriormente aparecendo em seus discursos. Discursando pouco depois do ataque à Baía dos Porcos ele diz

“... No somos nosotros los que estamos rompiendo relaciones con los países de América Latina, porque nosotros consideramos que esos son pueblos hermanos nuestros; nos sentimos unidos a ellos, como ellos se han sentido unidos a nosotros, los pueblos, en la agresión (APLAUSOS).”“Y los que promueven, siguiendo instrucciones del Departamento de Estado yanki, los que promueven esa política de aislamiento contra Cuba, los que cumplen órdenes del imperialismo y quieren romper relaciones con el país latinoamericano agredido por el imperialismo, son miserables traidores a los intereses y a los sentimientos de América (APLAUSOS)”⁶¹

Com isso ele trata de fazer uma crítica aos governantes dos países latino-americanos que romperam relações com Cuba por causa das pressões norte-americanas. Dessa maneira segundo Fidel, os governantes desses países não estão do lado da América, que clama por justiça e liberdade frente ao imperialismo, mas estão do lado do vizinho do norte.

Todas essas ideias de Fidel em relação a América Latina não ficaram apenas na teoria. Além dele, Che Guevara partilhava de algumas dessas ideias e desenvolveu o que ficou conhecido como o “método de guerrilhas”. Essa ideia consistia em realizar a luta revolucionária no campo e não nas cidades. Foi assim que aconteceu em Cuba e era assim que Che enxergava ser possível acontecer nos outros países latino-americanos visto que eles ainda não possuíam um desenvolvimento urbano alto. Por isso durante a década de 60, Fidel Castro e Che Guevara trataram de incentivar grupos revolucionários em todo o continente latino-americano a iniciarem lutas para assumir o poder em seus respectivos países. Esse apoio foi tanto de ordem econômica quanto material. As razões para tal apoio era que esses revolucionários que chegariam ao poder estariam alinhados à Cuba e conseqüentemente proviriam apoio em seu embate com os Estados Unidos -que ao longo da década foi cada vez

⁶¹ op.cit. 1961.

mais piorando. Além disso Fidel e Che acreditavam fielmente que estavam imbuídos de uma forma quase religiosa de acabar com o imperialismo norte-americano e libertar a América. A justificativa para tais ações era que se os Estados Unidos podiam intervir nesses países para garantir seus interesses -principalmente de ordem econômica- então Cuba também tinha o direito de intervir, no entanto, essa intervenção seria para ajudar na libertação dos mesmos.

Apesar de realmente acreditarem que poderiam mudar a situação de pobreza e exploração no continente, Fidel e Che tentaram atizar novas revoluções na América Latina mais por uma questão de necessidade. A conjuntura na época forçava-os a tentarem de várias maneiras a busca por novos aliados e ainda que seja inegável a preocupação de ambos -principalmente Che- com essa parte do continente, a questão da necessidade foi a mais primordial para levar a tais ações.

Ao tentar alastrar a Revolução pela América Latina, Fidel e Che acabam indo no sentido contrário às orientações de Krushev que defendia a chegada ao socialismo através de meios pacíficos. Com isso a imagem de ambos frente aos comunistas do mundo inteiro, que já não era das melhores, foi se deteriorando cada vez mais junto com o pouco prestígio que ainda restava à eles. Pouco tempo depois, Fidel muda a sua posição quanto a questão de incentivar novas revoluções, e passa a seguir as orientações de Moscou. Esse foi um dos motivos que levou Che e Fidel a se afastarem, pois o revolucionário argentino continuou na tentativa de atizar novas revoluções no continente.

Em resposta à tais tentativas revolucionárias, Kennedy lança a Aliança Para o Progresso, um programa dedicado aos países latino-americanos que visava melhorar as condições de vida nessa parte do continente através de reformas capitalistas. Nesse sentido, as Forças Armadas da maioria dos países latino-americanos era de uma forma geral contrária ao regime revolucionário cubano e se antes a sua tarefa era defender os seus países da ameaça comunista vinda de Cuba, naquele momento de guerrilhas revolucionárias espalhadas por todo o continente, a sua tarefa era combater o inimigo que tinha se tornado interno. É por isso que a partir da década de 60 a América Latina vai passar muitos anos sendo palco de golpes militares apoiados pelos Estados Unidos, pois dessa forma era garantido que a influência de Cuba e a ameaça comunista permanecessem longe do poder.

Conclusão

Martí e Fidel foram duas das figuras mais importantes para a História de Cuba e não só são reconhecidos na região do Caribe, como possuem prestígio ao redor do mundo. O legado deixado por essas duas figuras foi sem precedentes naquele país. Martí era amplamente conhecido no continente enquanto era vivo, tanto que chegou a trocar cartas com outros intelectuais como o presidente argentino Faustino Sarmiento. Ainda que os dois não concordassem em algumas ideias, como por exemplo a ideia de Sarmiento de “raças” da qual Martí recusava enfaticamente, existia muito respeito entre eles. Nas correspondências trocadas entre os dois, ambos demonstram admiração um pelo outro.

Apesar das ideias de Martí possuírem muitas vezes um caráter popular e igualitário, ele nunca foi socialista. Em alguns de seus escritos, o “Apóstolo” chega inclusive a criticar o movimento socialista do período. Na verdade ele teve uma formação de caráter liberal. A grande inspiração para suas ideias vinha na verdade de outro intelectual do continente que viveu no período anterior ao dele: Simon Bolívar. O militar venezuelano, que no início do século XIX lutou pelas independências dos países sul-americanos dominados pela Espanha, era muito respeitado e diversas vezes exaltados por Martí em seus escritos. É bem possível que seja dele que Martí se inspirou para propor uma união dos países do continente. No entanto a união que Bolívar defendia era uma união dos países hispano-americanos em um só governo, já Martí acreditava na união em relação às ideias e objetivos, preservando a autonomia dos diferentes países. Apesar de Martí não estar de acordo com essa ideia de Bolívar, ele foi uma grande fonte de inspiração para as propostas elaboradas pelo “Apóstolo”.

Já Fidel Castro foi cada vez mais ganhando notoriedade no continente e ao redor do mundo a partir do momento que os revolucionários chegaram ao poder em Cuba. A década de 60 é o período de maior reconhecimento de Castro ao redor do mundo pois além do enfrentamento com os Estados Unidos, Cuba penetra no jogo estratégico da Guerra Fria. Ele vai se aproximando cada vez mais de figuras de extrema importância naquele momento como Krushev e Mao Tse Tung. É interessante notar como ao longo do tempo os escritos e discursos de Castro vão incorporando temas novos. Talvez seja possível afirmar que até a chegada de Castro ao poder, ele não faz praticamente nenhuma crítica explícita sobre o

Imperialismo e nem aos Estados Unidos. Em “A História me absolverá” apenas uma única vez Fidel critica a empresa norte-americana United Fruit Company por ser dona de muitas terras na ilha. Ainda assim é uma crítica muito superficial se compararmos com o que anos mais tarde viria a ser o tom de seus discursos. Já em seu discurso em 1 de janeiro de 1959, ele apenas condena a intervenção norte-americana na luta pela independência cubana em 1895.

A partir de 1960 como vimos, o tom de seus discursos muda e Fidel torna público a ameaça imperialista norte-americana. Isso não aconteceu pois nesse curto espaço de um ano Fidel mudou de pensamento. Na verdade, desde o início das tentativas de tomar o poder ele sabia que o seu vizinho do norte e sua política imperialista representavam um obstáculo enorme para Cuba, mas até chegar efetivamente ao poder seria problemático externar esse descontentamento pois tornaria a luta revolucionária ainda mais difícil devido à uma possível reação - ainda mais forte- dos Estados Unidos. Por isso quando os revolucionários assumem o governo da ilha, Fidel começa a fazer críticas mais contundentes aos norte-americanos e as relações entre os dois países vão piorando cada vez mais. Um claro exemplo dessa mudança é quando Fidel em um discurso de 1961 explica o porque os revolucionários não tiveram ajuda norte-americana nas lutas revolucionárias. Os estadunidenses “(...)ellos seguían teniendo sus clubes aristocráticos, tenían un gobierno que garantizaba sus intereses, sus latifundios, su vida frívola, su vida, por lo general, de gente corrompida y de gente que se dedica al buen vivir exclusivamente.”⁶² Dessa maneira ao associar o governo de Batista com o imperialismo, Fidel demonstra a mudança de postura adotada, pois até então essa associação não tinha sido feita de forma explícita.

O anti-imperialismo tanto de Fidel quanto de Martí se dava nos diversos âmbitos. No aspecto político Martí tinha uma grande preocupação de Cuba sair da luta pela independência sendo anexada pelos Estados Unidos. Na verdade essa não era uma preocupação exclusiva de Cuba mas de muitas outras regiões do Caribe. Como foi visto, Cuba não foi anexada no entanto mesmo que com o fim da guerra seu status fosse de nação independente, ela acaba se tornando dependente dos Estados Unidos. Graças a Emenda Platt essa dependência acabou sendo política e econômica, visto que esse último era o principal interesse dos norte-americanos na região.

Na época de Fidel ele demonstra ao longo de seus discursos preocupação com esses dois aspectos pois tanto a dominação política quanto econômica da ilha estavam consolidadas.

⁶² op.cit. 1961.

A dominação política acontecia na medida que os governos da ilha eram forçados a estar alinhados com os interesses norte-americanos pois caso contrário eles eram retirados ao bem entender pelos estadunidenses. Já a dominação econômica levava à exploração do povo o que gerava a situação de desigualdade e pobreza extrema da ilha.

No âmbito cultural vimos também que Fidel faz críticas aos filmes, roupas e outras coisas que chegavam dos Estados Unidos e rapidamente faziam sucesso em Cuba. No entanto apesar dessa crítica ao “Imperialismo cultural” - pegando emprestado o termo de Hobsbawm - é inegável que Castro estava mais preocupado com as consequências econômicas e políticas do Imperialismo. Esses dois aspectos eram os verdadeiros responsáveis pela dependência de Cuba, além disso também eram os responsáveis pela situação problemática na qual a ilha se encontrava até 1959.

Já o “Apóstolo” parece balancear bem esses diferentes aspectos do Imperialismo. Martí se mostra muito preocupado com uma possível dependência tanto política quanto econômica por parte das nações industrializadas, no entanto ele demonstra também que se preocupa com âmbito cultural ao condenar o uso de ideias vindas de outro continente como solução dos problemas da América. Além disso quando ele defende que as escolas deveriam ensinar mais a História do continente ao invés da européia, ele demonstra mais uma vez que condena esse caráter cultural do Imperialismo.

Em relação à questão da América Latina, esse era um tema mais central para Martí do que foi para Fidel. Como vimos desde o início Martí está pensando na questão do continente se preocupando inicialmente em refletir sobre a identidade americana até avançar com o tempo na proposta de união dos países. Na realidade o tema do Anti-imperialismo sempre esteve relacionado à essa questão da América para Martí. Podemos perceber isso quando ele critica o ensino da História da Europa em detrimento da História americana: ao mesmo tempo que isso caracteriza uma preocupação de Martí em valorizar o seu continente de origem, também caracteriza o problema do “Imperialismo cultural”.

Para Castro esse não era um tema tão central, pelo menos no início. Isso não significa que Fidel não se importava com o continente. Como pudemos ver desde “A História me absolverá” ele trata dessa questão mas de uma forma bem rápida e superficial. A verdade é que esse tema foi ganhando mais importância para ele com o passar dos anos, principalmente durante a década de 60 onde as relações acirradas com os Estados Unidos fizeram ele procurar aliados. Nesse sentido a América Latina aparecia como uma ótima oportunidade. É possível

que essa seja a principal diferença entre Fidel e Martí no que tange à esse tema: Martí se mostrou desde o início atento e dedicado às questões do continente americano, enquanto que Fidel foi só com o tempo dando maior atenção a esse assunto, mais por uma questão de necessidade do que qualquer outro motivo.

Com tudo que foi visto, podemos concluir que José Martí foi a principal fonte de onde Fidel Castro pôde embasar todo o seu pensamento. Não é de se espantar visto que antes de Castro, o “Apóstolo” era a figura mais importante da História da ilha. As ideias de Fidel vão muito além de semelhanças e diferenças se comparadas com as de Martí. Mais do que isso Fidel realmente compreendeu as mensagens transmitidas do “Apóstolo” e o seu modo de pensar e a partir disso conseguiu elaborar, de acordo com as circunstâncias vividas em seu próprio período, suas próprias ideias que transformaram radicalmente a História da ilha de Cuba.

Bibliografia

ANCONI, Eliane. *Antecedentes Históricos de uma Revolução Anunciada* in COGGIOLA, Osvaldo(org.) *Revolução Cubana: História e problemas atuais*. São Paulo. Ed. Xamã, 1998.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1998.

BRUIT, Héctor. *A invenção da América Latina*. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), 2000.

CASTRO, Fidel. *A História me absolverá*. São Paulo: Expressão Popular. 2010.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. *O conceito de América Latina: Uma visão francesa*. Caligrama. Belo Horizonte, 2007.

Discurso pronunciado en el Parque Céspedes, de Santiago de Cuba, el 1ro de enero de 1959.

Discurso pronunciado en la Magna Asamblea Popular celebrada por el pueblo de Cuba en la Plaza de la República, el 2 de septiembre de 1960.

Discurso pronunciado resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.

DOMINGUES, José Maurício. *A revolução cubana entre o passado e o futuro* in Observatório Político Sul-Americano. IUPERJ. Rio de Janeiro, 2008.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios (1875-1894)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JUNIOR, Odir Alonso. *O Processo Revolucionário: 1953/1959* in COGGIOLA, Osvaldo(org.). *Revolução Cubana: História e Problemas atuais*. São Paulo, Ed.Xamã. 1998.

MARTÍ, José. “*Os Códigos Novos*”, *Obras Completas*. Centros de Estudios Martianos. 2016.

_____. *Obras Completas*, t.1. Centros de Estudios Martianos. 2016.

_____. *Obras completas*. t.7. Centros de Estudios Martianos. 2016.

_____. *Obras completas*. t.8. Centros de Estudios Martianos. 2016.

_____. *Obras completas*, t.21. Centros de Estudios Martianos. 2016.

_____. *Nossa América*. Brasília: Editora UNB. 2011.

POCOCK, John. *O Estado da Arte*. Tradução de Fábio Fernández. In: *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EDUSP. p.23-62. 2003.

_____. *O Conceito de Linguagem e o Métier D' Historien: Algumas considerações sobre a prática*. Tradução de Fábio Fernández. In: *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: EDUSP. p.63-82. 2003.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. *Martí e as Duas Américas*. Expressão Popular. São Paulo, 2006.

SKINNER, Quentin. *Significado e interpretação na História das Ideias*. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358 - 399. jan./abr. 2017.